

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director Int.^o — T. A. ARARIPE

Secretario Int.^o — A. SEVILHA

Gerente: A. J. BELLAGAMBA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. do Ouvidor, 21

ANNO XVII

Brasil — Rio de Janeiro, Abril de 1930

N. 198

Edição de 60 paginas

SUMMARIO

EDITORIAL

A DEFESA NACIONAL — O ESTADO MAIOR — SUA EFICIENCIA..... 417

COLLABORAÇÃO

- Recordações do Marechal Petain sobre a batalha do Verdun (trad.) —*
1.^o Ten. Segadas Vianna..... 419
- A Praia de Casa — Cap. Paulo Cidade.....* 425
- O R. I. S. G. 1930 — Cel. Bertholdo Klinger.....* 426
- Questões de exame de admissão à E. R. M. em 1930.....* 434
- A Defensiva — Ten. Cel. H. Panchaud.....* 434
- A situação militar do Brasil ao iniciar-se a guerra do Paraguay (transcripção) — Joaquim Nabuco.....* 447
- A Nacionalização da industria militar — Cap. Silva Barros.....* 449
- Sorteio Militar — Ten. Oséas Guerra.....* 459
- O Tiro da Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira.....* 452
- Conferencias sobre a instrução da Infantaria (tradução e adaptação) — Cap. Everaldo da Fonseca.....* 455
- Tiro de Pistola — Cap. Suepita.....* 460
- Radiotelegraphia — Ten. Lima Figueiredo.....* 460
- Programma de concurso de admissão à matricula na E. E. M. (transcripção).....* 475

DA PROVINCIA

Inspeção do Chefe do R. M. da 6.^a R. M. do 19.^o B. C. — Cel. Suetonio Camucé..... 461

SUBSIDIOS PARA A RESERVA

Cavallaria..... 473

DA REDACÇÃO

- Mal a Combater.....* 433
- Instructores de equitação.....* 456
- A reabertura dos cursos militares.....* 465
- Bibliographia.....* 476

A Defesa Nacional

GRUPO MANTENEDOR

T. A. Araripe, Humberto Castello Branco, A. J. Bellagamba (Directores) — Muniz Barretto (repres. naval) — Frederico Duarte (repres. civil) — Mario Travaassos, Bina Machado, Lago Sayão, A. Sevilha, Baptista Gonçalves, Arruda (da Redacção) — A. Chaves, Toacano, Lammartine, A. Ancora, Rhodes de Almeida (da Gerencia).

CORPO DE REPRESENTANTES

No Rio de Janeiro

M. G. — 1º Ten. Jair.
E. M. E. — Cap. Pery Bevilacqua.
2º Grupo Regiões — Cap. Achê.
Q. G. 1ª R. M. — Cap. Edgard Oliveira.
D. G. — 1º Ten. Nilo Chaves.
D. M. B. — Cap. Waldemar B. Aquino.
D. I. G. — Cap. Silva Barros.
Dir. Av. — Cap. Aguiinaldo Caiado de Castro.
Dir. de Remonta — Cap. Gaudie Ley.
Ars. Guerra — Cap. Guaracy Salgado Freire.
Fabr. Curtic. — 1º Ten. Sebastião M. Barreto.
M. M. F. — 1º Ten. Sarmiento.
S. G. M. — Cap. Heraldio.
S. Radio do B. — Cap. Silva Lima.
E. E. M. — 1º Ten. Castello Branco.
Ser: Basilio da Silva.
R. A. O. — 1º Ten. Pinheiro.
E. C. — 2º Ten. Melleu.
R. Av. M. — Cap. Bellagamba — Ten. Quintella.
E. M. — Cap. Cyro de Rezende.
2ª Bda. I. — Cap. Paranhos.
E. Inf. —
C. M. — 1º Ten. Milton Souza.
E. S. I. — 1º Ten. Ignacio Rollin.
Centro M. Ed. Phy. — Ten. Rollin.
1ª R. I. — 1º Ten. Baptista Gonçalves.
2ª R. I. — 2º Ten. Fabio de Castro.
3ª R. I. — 1º Ten. Trajano Monteiro.

1ª R. C. D. — 1º Ten. F. A. Rosas.
15ª R. C. I. — Asp. Moreira.
1ª Dist. A. C. — Cap. François.
1ª G. A. Mth. — 1º Ten. Virgilio de Carvalho.
1ª R. A. M. — 2º Ten. Antonio H. A. Moraes.
2ª R. A. M. — 2º Ten. Abilio L. Mendes.
1ª G. I. A. P. — 1º Ten. Hugo Alvim.
Fortaleza de São João — Cap. H. Portocarrero.
Fortaleza Santa Cruz — 1º Ten. Faustino.
Forte Vigia — 2º Ten. Moyses.
Fortaleza da Lage — 1º Ten. Frota.
Forte de Copacabana — Ten. Faria Albuquerque.
1ª B. E. — Cap. Adalberto Albuquerque.
1ª Cia. F. Viaria — 1º Ten. Nylson.
C. C. C. —
1ª Cia. E. — 1º Ten. Carneiro da Cunha.
F. S. D. — 2º Ten. Waldemar Fretz.
1ª Cia. Adms. — 2º Ten. Othon Barbosa.
Inspeção de Fronteiras — Cap. Lima Figueiredo.
1ª C. R. M. — 1º Ten. Costa e Silva.
Regimento Naval — Cmt. Santa Cruz.
Av. Naval — Cmt. Appel Netto.
Flot. S. — Cmt. Christiniano de Figueiredo.
P. M. D. F. — 1º Ten. Joaquim M. Amorim.
Corpo Bomb. C. P. — 1º Ten. G. Amado.
Club Off. Res. — Cap. Valença.
C. P. O. R. — 1ª R. M. — 1º Ten. Sevilha.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2ª D. I. — S. Paulo — Cap. Aurelio.
Q. G. 3ª D. I. — Porto Alegre — Cap. Teixeira Braga.
Q. G. 4ª D. I. — Juiz de Fóra — Cap. Pinto Paça.
Q. G. 5ª R. M. — Curitiba — 2º Ten. Bunete.
Q. G. 6ª R. M. — Bahia — Cap. Nobrega Filho.
Q. G. 7ª R. M. — Maj. João Facó.
Q. G. 8ª R. M. — Cap. Verissimo.
Q. G. Circums. — M. Grosso — Campo Grande — Cap. Jandyr.
Fab. de Polvora — Estrella —
Ars. de Guerra — P. Alegre — Cap. A. Correia Lima.
C. C. na Europa — Paris — Cap. J. B. Magalhães.
C. M. — Ceará — 1º Ten. Tulio Belleza.

C. M. — Porto Alegre — 1º Ten. Marques Santiago.
4ª R. I. — Quitana — 1º Ten. Genaro Bonitempo.
5ª R. I. — (sede) Lorena — Cap. Eloy.
5ª R. I. — II Btl. — Pinda — Ten. Bayard.
6ª R. I. — Cacapava — 1º Ten. Achado Nunes.
7ª R. I. — Sta. Maria — Cap. Frederico Botelho.
8ª R. I. — Cruz Alta — Cap. Juvenal Antunes.
9ª R. I. — Rio Grande — Ten. Octacilio Silva.
10ª R. I. — Juiz de Fóra — 1º Ten. Torres Bandeira.
11ª R. I. — S. João d'El-Rey — 2º Ten. Hugo Faria.
13ª R. I. — Ponta Grossa — 1º Ten. Leonardo de Campos.
1ª B. C. — Petropolis — 2º Ten. Amilear Dutra.
2ª B. C. — S. Gonçalo — 2º Ten. Francisco P. Guedes.

(Continúa)

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Director — T. A. Araripe

Secretario — H. Castello Branco

Gerente — A. J. Bellagamba

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

ANNO XVII

BRASIL — RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1930

N. 196

EDITORIAL

A Defesa Nacional

O Estado Maior -- Sua Efficiencia

Obedientes ás normas que a nós mesmos nos havemos traçado, procuramos pôr em luz, de modo tão completo quanto possível, os elementos fundamentaes do problema da defesa nacional. De regra, aqui se estampam, ao sabôr dos factos e das necessidades, idéas que condizem á notoria oportunidade. E como tudo, factos e precisões repetem-se com frequencia e sem dar treguas, toca-nos aos hombros a tarefa malvista de repicar, dia a dia, sinos por demais dobrados e aturados.

Valha-nos, ao menos, a justa intenção de attrahir á py.a sempre accessa os espiritos de todos os comparticipes na grande obra por que batalhamos aqui.

* * *

Na apreciação das características essenciaes do Commando Supremo com que temos occupado os estudos anteriores, ha lugar de monta para o estudo do papel e valor do Estado Maior — effectivamente o órgão do aparelhamento militar mais directamente interessado na concepção e preparação da guerra. Por isso, depois de havermos apresentado o nos o entendimento da função, das attribuições e das prerogativas deste órgão e de bem accentuar a sua dependencia ao Commando Supremo, a sua cooparticipação nas decisões e providencias attinentes á preparação para a guerra, bem como as suas responsabilidades, mais de facto do que legais, julgamos por bem delinear algumas idéas sobre a consecução de sua efficiencia.

Os factos que concorrem para esta efficiencia emanam de tres fontes:

— os que resultam das relações entre este órgão e o Commando Supremo;

— os que provêm do proprio seio do órgão;

— e os que remontam das reacções que a sua actividade produz sobre o conjuncto do organismo militar e particularmente sobre os órgãos de execução, propriamente ditos.

* * *

Manifesto é que a capacidade de produção do Estado Maior bem como a sua autoridade na elaboração e no determinar as providencias de preparação da guerra têm a sua effluencia, antes de tudo, da directriz que o Commando Supremo imprime á solução do problema, directriz que deve bem delinear as rotas segundo as quaes o Estado Maior terá de empenhar a totalidade de seus esforços. Além disso, ellas emanam tambem da confiança reciproca entre o órgão director e o auxiliar e de bem compreendido espirito de collaboração por parte de ambos.

Observados estes requisitos nas relações entre o Estado Maior e o Commando Supremo, goza-se o beneficio de ter-se o primeiro em perfeita affinidade com o segundo, de que lhe deve advir a grande dóse de autoridade e de prestigio indispensaveis ao bom termo de sua tarefa.

* * *

Os factores do segundo grupo são os que hoje mais nos interessam. De facto, é de seu valor intrinseco que advem a maior efficiencia do Estado Maior; nelle se fundam a confiança e o prestigio necessarios nas relações com o Commando Supremo e a autoridade sobre os órgãos de execução.

E quem diz valor intrinseco do Estado Maior diz capacidade de seus membros para o exercicio das funções englobadas por este órgão. E', portanto, questão de adestramento e de aptidões especiaes para os misteres correspondentes, ou em outras palavras, de recrutamento e de instrução dos officiaes de Estado Maior.

O recrutamento dos officiaes de Estado Maior constitue nos principaes exercitos uma das mais serias preoccupações. Ahí, a selecção tanto no ponto de vista profissional, como no da vida privada, no intellectual como no moral, se faz de modo rigoroso e segundo processos que têm merecido a sanção comprovada na experiencia da paz e da guerra. Ella é feita por intermedio de escolas (Academia de Guerra, Escola Superior de

Guerra, etc.) que correspondem á nossa Escola de Estado Maior e onde ha uma serie bem grande de provas e exigencias, desde as de admissão até as de conclusão de curso, destinadas principalmente a depurar os que não possuem recursos e aptidões para as arduas incumbencias que caberão ao verdadeiro official de Estado Maior.

Semelhanças recrutamento e selecção devem ser olhados por todo o Exercito e principalmente pelos grandes responsaveis por sua efficiencia, como uma questão vital. Não bastará termos leis e regulamentos estabelecendo as condições de ingresso; a par destes deve haver estímulo, incentivo e auxilio no preparo dos candidatos, de um lado, e a firme vontade de realizar real selecção. do outro lado, nas provas, tanto pré-escola como durante o curso. Faz-se mister então uma acurada observação das qualidades moraes e intellectuaes dos aspirantes ao quadro, por parte das autoridades qualificadas.

Não deve mesmo ser desprezado o alvitre da commissão de sindicancia para apurar até o procedimento privado do candidato, sindicancia que convem ser mantida mesmo durante o exercicio ulterior das funcções. Neste particular, não nos devemos contentar com o juizo simples dos professores francezes sobre as aptidões intellectuaes dos diplomados pela Escola. Somos os mais autorizados e os mais interessados nessa apreciação dos diplomados.

Mesmo o exame de admissão á Escola de Estado Maior deve ter cunho que lhe atteneue as inevitaveis causas de falibilidade de que é passivel. Ora, actualmente se observa que para a admissão de sargentos ás Escolas de Intendencia e Aviação se exigem duas provas: a primeira, de selecção, realizada nas sedes das regiões; os approvados nesta são reunidos na Capital e submettidos á verdadeira prova de sufficiencia e de classificação. Só assim poderá haver egualdade de situação para todos os candidatos. E' este aliás, o processo usado para a admissão na Escola Superior de Guerra da França.

O nosso systema de uma unica prova, realizada em logares e em ambientes diversos, parece-nos deficiente e defeituoso e felizmente foi abolido pelo novo Regulamento do E. E. M.

Uma vez diplomado pela Escola é que, na verdade, começa o preparo do official de Estado Maior. Ha nesse assumpto seria correcção a fazer-se. E' commum, entre nós, considerar-se a Escola como o terminus da aprendizagem profissional e como a fonte da agua que realiza o milagre da omnisciencia. Este grande erro tem de ser combatido, principalmente no tocante aos officiaes de Estado Maior. Mais do que nunca será preciso um esforço pessoal continuado, verdadeira gymnastica intellectual de investigações pessoas na busca de soluções mais convenientes e oportunas para os problemas que lhes serão propostos na paz e na guerra.

Os chefes tomam a peito esse adestramento, procurando orientar com seus conselhos e o seu exemplo a tarefa dos subordinados, incentivando-lhes o gosto pelos estudos e organizando cursos de aperfeiçoamento adequados. Ahi se impõe a vantagem de intensificar a pratica do jogo da

guerra para officiaes de Estado Maior, reconhecendo o melhor processo de ensino e de treinamento na solução dos problemas que terão de enfrentar.

Mas quem diz instrucção e treinamento, pensa logo na continuidade. Ora, ha ahi dois grandes impecilhos a esse desideratum — a burocracia e o afastamento dos officiaes de Estado Maior de suas tarefas normaes.

A burocracia, a papelada, constitue entre nós o maior inimigo da instrucção do official de Estado Maior. A grita contra esse mal é remota e ensurdecadora. O simples encaminhamento de requerimento consome todo o tempo desse official. Na Allemanha de antes da guerra 1914-1918 esse inconveniente era resolvido pela existencia de um quadro de Estado Maior propriamente dito, encarregado dos assumptos attinentes á preparação para a guerra e um quadro annexo, destinado aos trabalhos de secretaria e do desmembramento da papelada.

Na França nunca houve esta divisão, mas os methodos de trabalho, como assignala o General Bonnal, consideraram em primeiro plano a instrucção para a guerra dos officiaes de Estado Maior e relegaram para o segundo a burocracia.

O segundo impecilho apontado exige para ser desviado que haja constituido permanentemente um quadro de officiaes de Estado Maior pois que, até agora, temos officiaes com o curso de Estado Maior e que incidentemente desempenham funcções de Estado Maior. Já temos em varias occasões esclarecido o nosso pensamento a respeito: o official de Estado Maior deve pertencer organicamente a um dos Estados Maiores do Exercito, das Inspectorias ou das Regiões Militares, assim como os officiaes de tropa têm o seu corpo. Desse logar será afastado por um tempo minimo e limitado, para effeito de estagio na tropa. Como, por exemplo, se poderá fazer a instrucção de um official de Estado Maior que ha mais de 7 annos não entra em um Estado Maior?

Não queremos um Estado Maior fechado mas um quadro de Estado Maior constantemente organizado, para effeito de instrucção.

* * *

Chegamos finalmente aos factores do terceiro grau, isto é, os que remontam das reacções que a actividade do Estado Maior produz sobre os órgãos de execução propriamente ditos. Aqui tudo se enfeixa na autoridade de que se reveste o Estado Maior para effeito de determinação das medidas attinentes á preparação para a guerra e á instrucção profissional do Exercito.

Parece-nos que, na pratica, não tem ficado bem accentuado essa autoridade do Estado Maior. Diz-se que os Grandes Commandos se acham directamente subordinados em tempo de paz e de guerra ao Chefe do Estado Maior do Exercito, em tudo que se relacione ao duplo objectivo do mesmo Estado Maior, mas tal subordinação tem cunho mais theorico do que pratico. Na realidade, o que depende propriamente do Chefe é o Ser-

Recordações do Marechal Petain sobre a batalha de Verdun

TRAD. DA "ILLUSTRATION" PELO TEN. SEGADAS VIANNA

O engajamento da batalha do Somme e a libertação de Verdun

(Cont. do n. 194)

Quanto ao ataque inglês, não tardei a ser finalmente attendido. Telephonaram-me no dia 25, do Grande Quartel General, communicando-me que o bombardeio geral sobre o Somme começaria a 26 e que as divisões assaltantes desembocariam para o ataque no dia 29.

Eis aqui em que termos o general Joffre, em 26 de Junho, fazia conhecer ao governo as grandes linhas das acções previstas:

"No dia 29 de junho os exercitos britannicos atacarão sobre a frente norte do Somme. Sua offensiva que deve comportar a entrada em acção de cerca da metade das grandes unidades que estão actualmente em França (isto é 26 divisões) será desencadeada sobre uma frente approximada de 25 kilometros, entre Gommécourt e Maricourt.

"Afim de cooperar o mais possivel na acção das forças inglezas e de ficar em condições de explorar com ellas um grande successo gruepi sob as ordens do general Foch todas as disponibilidades em grandes unidades e em artilharia cujo emprego sobre o Mosa não foi exigido por nossa situação em Verdun. Apesar de que, desde o inicio desta batalha (Verdun) eu tenha sido obrigado a dar ao general Petain um total de 65 divisões, a contribuição das forças francezas na offensiva do Somme será importante.

O ataque do general Foch estender-se-á com effeito de Maricourt a Foucaucourt, sobre uma frente de 12 kilometros mais ou menos. Elle comportará a entrada em linha inicialmente de 14 divisões; será emprehendido na mesma data que o dos exercitos britannicos e em ligação estreita com elles.

"A offensiva dos exercitos franco-inglezes desencadear-se-á pois sobre uma frente de 37 kilometros com um total de 40 divisões. Este ultimo numero é no entanto susceptivel de um notavel augmento, se, como tenho esperança, os resultados dos primeiros ataques permittirem contar com importantes successos".

Assim finalisava, em condições vantajosas para nós, a crise da preparação das acções conjunctas dos Alliados.

A partida havia sido renhida, mas conseguiramos attingir o objectivo. Os Inglezes e Francezes partiram para frente a 1º de Julho, ás 7 hs. 30', dois dias mais tarde que a data inicialmente fixada, por motivo das circumstancias atmosfericas desfavoraveis que haviam atrapalhado, durante quarenta e oito horas, a preparação aos Alliados. O IV exercito britannico do General Rawlinson progrediu sensivelmente até as alturas de Montaubau, Mannetz e Boisselle, isto é, um pouco menos profundamente do que se esperava. O VI exercito francez do general Fayolle, ao contrario, ultrapassou largamente seus objectivos conquistando de um só impeto toda a primeira posição Hardecourt, Herbécourt, Asservillers. Durante os dias seguintes o exercito Rawlinson começou a alargar suas conquistas e o exercito Fayolle, deante de um inimigo desconcertado pela potencia inesperada de sua irrupção, occupou a totalidade do planalto de Flaucourt, levando suas linhas de Maisomette e proximidades de Barleux. O II exercito allemão do general Below havia por esse motivo recuado profundamente e sua sorte tornava-se perigosa.

O chefe do estado maior imperial, para restabelecer a situação, tomou immediatamente a resolução de reorganizar e reforçar o commando sobre o Somme, o que lhe implicava a obrigação de desembarcar Verdun. Lá, entretanto, procedia-se no dia 11 de Julho a uma ultima tentativa: o X corpo de reserva, dispondo do corpo alpino e de tres divisões, precipitava-se contra nossas posições de Souville, apossava-se de Fleury, tomava pé por um instante sobre o forte, mas era immediatamente repellido pelos contra ataques francezes dos generaes Mangin e Paulinier. Um grande esforço para nós, porem felizmente o ultimo! Porque o kromprinz recebia ordem desde a tarde de 11 — "pois que os objectivos fixados não puderam ser conquistados" — de se manter doravante em uma "estricta defensiva". O general von Gallwitz cedia ao general von François o commando da margem esquerda do Mosa, para ir commandar o I exercito allemão em or-

viço de Estado Maior desses Grandes Commandos. As necessidades e a divisão do trabalho tendem para tornar mais pratica essa interferencia do Estado Maior, como delegado do Commando Supremo na orientação e fiscalização de todas as medidas que dizem respeito á preparação para a guerra. Essas tendencias proporcionarão ao

mais importante órgão do aparelhamento militar os meios de se aperfeiçoar e de se elevar á altura de suas arduas e grandiosas missões.

Tal é o desejo de todos nós. Tal é a nossa confiança em um Estado Maior que se esforça por melhorar e que crê nas boas intenções dos responsaveis pela governança publica.

ganização ao sul do Somme e, ao mesmo tempo, o agrupamento dos I e II exercitos allemães encarregados de deter os francos-britânicos. Duas a tres divisões e numerosas baterias de artilharia tomavam a mesma direcção. Verdun estava desembarçada e salva...

Emquanto que Falkenhayn tomava essas medidas, o general Nivelle informava-me que acabava de receber um voto "de admiração, reconhecimento e respeito, da Academia Franceza, para o II Exercito. Especialmente fazia-me chegar ás mãos no dia 11 á tarde, a ordem do dia em que o notificava ás suas tropas:

"Será um dos maiores orgulhos para o exercito de Verdun ter merecido semelhante agradecimento da Alta Assembléa que incarna e immortalisa o génio da lingua e da raça franceza.

"O exercito de Verdun teve a felicidade de corresponder ao apello que o paiz lhe dirigiu. Graças á sua heroica tenacidade, a offensiva dos alliados já venceu brilhantes etapas e os Allemães não se encontram mais combatendo em Verdun!

"Porém a missão não está terminada: nenhum francez terá direito ao repouso enquanto restar um inimigo sobre o solo da França, da Alsacia e da Lorena. Para permittir á offensiva dos Alliados de se desenvolver livremente e attingir á victoria definitiva, para resistir aos assaltos de nossos implacaveis inimigos que, apesar do sacrificio de meio milhão de homens que já lhe custou Verdun, não renunciaram ás suas esperanças...

"E, não contentes de resistir, soldados do II Exercito, ataca ainda methodicamente, sem cessar, para reter deante de vós, por uma ameaça continua, o maior numero possivel de forças inimigas, até á proxima hora da offensiva geral.

"O passado responde pelo futuro. Não haveis de falhar em vossa sagrada missão e adquirireis assim novos titulos ao reconhecimento do paiz e das nações alliadas".

O BALANÇO DAS FORÇAS EM 15 DE JULHO

Teriam os allemães perdido meio milhão de homens deante de Verdun como dizia o commando do II Exercito? Esta avaliação — talvez seja exagerada, porque nosso balanço em 30 de abril mostrou que, durante os dois primeiros mezes, as perdas do adversario pareciam inferiores ás nossas.

O numero de nossas perdas totaes era então de 6.563 officiaes e 270.000 homens. Os Allemães deviam estar sensivelmente proximos disso, porque se tinham tido menos perdas do que nós no inicio da batalha, certamente este equilibrio se restabeleceu quando se entregaram aos loucos assaltos contra nossas posições da cota 304, de Mort-Homme, de Thiaumont, de Souville e de Vaux.

O consumo de materiaes diversos havia sido incontestavelmente maior no adversario, se julgarmos pelo das munições. O kromprinz nota que este representava uma media de 93.000 obuzes por dia, só para a margem direita. Nada exageramos se ajuntarmos dois terços desse numero

para a margem esquerda, admittindo que o consumo allemão se elevasse quotidianamente a 150.000 tiros, ou sejam 21.700.000 para os 140 dias de batalha decorridos desde 21 de fevereiro. De nosso lado o Grande Quartel General — por uma comunicação que então dirigiu ao general Janin, chefe da missão militar franceza na Russia — havia enviado para Verdun 10.300.000 tiros de 75, 1.200.000 de calibres entre 80 e 105, e 8.600.000 tiros de calibres superiores a 105, ou seja um total de 20.100.000 obuzes, entre os quaes um grande numero se achava ainda em stock nos depositos da praça e dos sectores diversos.

E' bom notar que o numero dado pelo kromprinz não visa, segundo tudo faz crer, s não os projectis pesados e muito pesados, e que o dispendio de munição do V Exercito deve ser representado por um total bem mais elevado do que o que foi acima indicado.

Haviamos, é verdade, engajado 70 divisões contra 46 divisões inimigas, mas repito que as substituições não se faziam pelo mesmo processo, e o kromprinz lembra que o melhor methodo por elle praticado, aliás contra sua vontade, era muito mais custoso para os Allemães.

Em 15 de Julho, o V Exercito Allemão, comprehendia cerca de 25 divisões. Mas, ainda que elle começasse a se descongestionar para alimentar sobre o Somme o grupo de exercitos von Gallwitz, nosso II Exercito permaneceu fortemente constituido como previsão das respostas que preparava, e contava ainda com 8 corpos de exercito, compostos de elementos fatigados e a reconstituir. (1)

Póde-se por isso medir o valor de nossos esforços e comprehender a energia que precisou desenvolver o nosso alto commando para organizar, no grupo de exercitos do norte, um importante grupamento offensivo, ao mesmo tempo que o II Exercito absorvia tão grandes recursos.

Entre estes, a aviação principalmente havia se desenvolvido até adquirir a superioridade absoluta no campo de batalha, apesar de estar no inicio em flagrante inferioridade. Sob a direcção do coronel Barès, ella havia sido completamente reorganizada, tanto no escalão corpo de exercito como no de Exercito. Os aparelhos de observação Farman e Caudron asseguravam actualmente com a maior precisão a ligação com a infantaria, as missões photographicas, as regulações de artilharia em luta constante com a aviação de caça adversa, muitas vezes atrapalhados pelas condições atmosfericas desfavoraveis sob o tragico céu de Verdun, roçando as vistas cheias de sangue e completamente revolvidas, soffrendo pesadas perdas, sem jamais faltar ao cumprimento de suas missões. Os Nieuport de caça illustravam-se por sua audacia e sua actividade, atacando sem cessar os aviões e os "drachen" inimigos,

(1)—Seja, ao todo, 29 divisões; 98 batalhões territoriaes, 1.106 canhões de campanha, 941 canhões pesados, 217 aviões, 18 balões, 7 secções e 20 postos de defesa contra aviões — representando: 16.450 officiaes, 627.000 homens, 218.000 cavallos e bovinos.

percorrendo a frente sem descanso, seja sahindo em possantes patrulhas, seja manifestando-se por pequenos grupos, sempre em horas diferentes.

Que phalange de pilotos! Na bravura legendaria, já havia surgido a gloria de Guynemer: "Parece esquisito, exclamava elle deante de seus camaradas consternados ao vel-o descer, ensanguentado, de seu avião, fui eu que recebi a bala e no entanto parece que foram vocês os feridos..." Nungesser reincorporara-se á sua esquadilha em Verdun, apenas melhor de seus varios ferimentos, com um queixo artificial e não podendo se servir sinão de uma unica perna; precisava-se de varias pessoas para installar o em seu aparelho e fazel-o sahir, o que não o impedia de atacar todos os adversarios que percebia. Navarre era, nesta occasião, o que mais brilhava: seu avião vermelho era visto em toda parte, nunca em repouso... Um dia, em Lemme, apresentou-se ao coronel Barès e lhe communicou que acabava de abater um avião inimigo:

"O que me dizeis é muito bom objectou o coronel, mas vêde essesapparelhos que neste momento voam sobre nós".

Navarre tornou a accionar seu motor, tomou altura, jogou-se sobre a patrulha allemã e abateu um dos aviões sob as vistas de seus chefes e camaradas.

Acima de todos, mantendo-os sob o imperio de seus irreprehensíveis exemplos, e de sua excepcional grandeza de alma, achava-se o commandante de Rose, chefe da caça, verdadeira figura de heroe celta, resplandecente em delicadeza e energia. Verdun, como mais tarde se disse, foi verdadeiramente "o cadinho de onde surgiu a aviação franceza".

AS RESPOSTAS FRANCEZAS

Desde 15 de Julho, passamos á offensiva sobre a margem direita do Mosa e o general Mangin fez executar pela 37ª divisão — posta para esse fim á sua disposição — uma operação visando a retomada das posições de Fleury, com o apoio de 400 peças de artilharia. Mas, o commandante local precipitou de muito o engajamento dessa operação que não produziu resultado e que deveria ter sido preparada com mais cuidado por causa do transtorno produzido em Souville pelo ultimo ataque allemão do dia 11.

Por meio de uma nota datada de 18, dei a conhecer minhas observações fazendo a critica a esse respeito: nossos ataques deverão ser, para o futuro, organizados pelos proprios commandantes de agrupamentos, que, graças ao conhecimento do terreno e á importancia dos meios de que dispõem em permanencia, estão em melhores condições para orientar a infantaria e lhe dar os apoios necessarios; tomarão cuidado em particular para que seja feita uma melhor utilização da artilharia, na designação dos objectivos, no "controle" dos tiros e na ligação com as tropas assaltantes. Voltei a falar assim sobre a questão capital da superioridade a ser obtida por nossa artilharia, graças á firme vontade disso conseguir; era esta minha preocupação dominante desde o começo da batalha, e o proces-

so final não poderia ser obtido sem que essa condição fosse preenchida. Por outro lado pedi ao Grande Quartel General para fornecer ao II exercito dois morteiros de 400, que julguei indispensaveis para as acções de esmagamento a serem exercidas sobre os fortes de Vaux e Douaumont antes de pensar em retomar essas fortificações. Prometteu-se-me satisfazer esse pedido no inicio do outomno e decidi esperar esse momento para iniciar as nossas grandes respostas.

Assim, os meses de Agosto e Setembro se escoaram na região de Verdun sem que houvesse acontecimentos importantes. Entretanto, os combates permaneciam muito vivos sobre a cota Froideterre em volta do forte de Thiaumont e em Fleury, que no dia 18 de Agosto foi conquistado pelo regimento de infantaria colonial de Marrocos em uma brilhante acção, conduzida com presteza.

Esta combatividade, era por nós entretida com o designio de contemporisar até a realização de operações mais importantes, impedindo o adversario de fazer mais facilmente o jogo de suas reservas entre Verdun e Somme, bem como entre as frentes de Oeste e as do Oriente. Dahi resultou, no inimigo, que seu estado de crise se aggravou singularmente, o mesmo acontecendo na opinião publica, que penosamente se resignava a vêr a Alemanha detida em todos os seus empreendimentos, e no alto commando, em cujo seio o descontentamento e o desentendimento eram flagrantés. O kromprinz separou-se no dia 21 de Agosto de seu chefe de estado maior, o general Knobelsdorf, de quem elle sempre havia suspeitado de secundar, passando por cima de seu chefe, o ponto de vista obstinado do general Falkenhayn. Este, por outro lado, attingia ao declinio, com muitas responsabilidades graves em seu passivo; o desastre de Verdun, a infeliz aventura austriaca contra a frente italiana, o funesto despertar da actividade russa, a entrada em linha dos Britannicos ao lado dos Francezes sobre o Somme, o gasto demasiado dos effectivos Allemães, a consequente depressão moral nos Imperios Centraes; e por cumulo, nos ultimos dias de Agosto, a declaração de guerra da Italia á Alemanha, e em seguida a da Rumânia á Austria-Hungria! O marechal Hindemburgo foi nomeado no dia 28 de Agosto chefe do Estado-Maior-geral, tendo o general Ludendorff como primeiro quartel-mestre geral. Os dois novos chefes queriam centralizar em suas mãos a direcção unica de guerra para toda a quadrupla alliança, mas não obtiveram isso, sinão progressivamente, e ao preço de innumerables atritos com o gabinete militar do Imperador, com o chanceller, com os ministros da Guerra dos diversos Estados allemães, com o alto commando austro-hungaro...

No decorrer da primeira viagem sobre a frente occidental, no inicio do mez de Setembro, Hindemburgo e Ludendorff ficaram admirados e verdadeiramente consternados, de encontrar em todos os escalões uma mentalidade tão differente da existente na frente oriental. A Leste, apesar da provação momentanea motivada pelo recuo dos Austriacos na Galicia, vivia-se em uma

atmosfera de victoria, de movimento e ninguém deixava de pensar nos imensos resultados obtidos ou esperados. A Oeste, ao contrario, os chefes pareciam tristes, deprimidos, sua confiança escrevia-se no desencorajamento, falavam já de um fim da guerra sem beneficios para a Alemanha; as tropas mostravam-se cruelmente fatigadas e utilizadas. "Verdun", escreveu Ludendorff logo após, parecia uma chaga aberta que corroia nossas forças, e era racional retirar nossas posições para aquem da zona dos reentrantes.

Quanto ao Somme, estavam em grande inferioridade sob todos os pontos de vista em face dos Ingleses e dos Francezes...

Os chefes supremos esforçavam-se por elevar o moral de todos. Reorganizavam o commando de maneira a reagrupar logicamente os exercitos de accordo com as operações em curso e se esforçavam, nesta occasião, em reforçar o prestigio dos principes de sangue para testemunhar sua dedicação aos interesses dynasticos. Assim, o kromprinz imperial tomava ao sul a chefia do grupo de exercito mais interessado na batalha de Verdun; a oeste, o kromprinz de Baviera comandaria o grupo de exercitos empenhados ou podendo vir a serem empenhados na batalha do Somme; o duque de Wurtemberg, no norte permanecia á frente do IV exercito e dependia da Direcção da Guerra.

Entretanto, a energica acção dos novos chefes não podia produzir uma rapida reviravolta na situação, e esta permanecia cada vez mais difficil para os Imperios Centraes, que se achavam literalmente, conforme a expressão de Ludendorff "sob o fio de um cutelo": os Italianos atacavam vigorosamente sobre o Isonzo; os Russos-Rumanos haviam transposto as fronteiras da Moldavia e da Salachia e ameaçavam a Hungria; na Macedonia, o general Sarraill impellia suas forças contra Florina e Monastir; sobre o Somme, o VI Exercito francez, do general Fayolle e o X Exercito francez que o prolongava ao Sul, desenvolviam seu successo sob as ordens do general Foch, conquistavam no fim de Setembro as terribes posições de Combles, de Denicourt, de Vermandovillers, enquanto que os Ingleses avançavam até Morval, Lesbœufs e Thieval.

Em Verdun soara nossa hora. No principio de Outubro, estabelecemos, eu e o general Nivelle, proceder á retomada dos fortes para restabelecer a praça em sua integridade. O general Mangin, nomeado commandante dos sectores da margem direita, dirigiria a operação e, sob a impulsão de semelhante chefe, cujo vigor era quasi que proverbial no Exercito francez, contávamos com um successo completo. O Grande Quartel General tinha enviado os dois morteiros de 400 m/m pedidos, que, accrescidos ás peças de 370 m/m que já possuíamos, permitiriam exercer demolição. O dispositivo de ataque comportaria sobre as fortificações uma pressante acção de demolição. O dispositivo de ataque comportaria um total de 300 peças de campanha e 300 peças pesadas, minimum necessario para manter em respeito as 200 baterias (ou sejam 800 peças) assinaladas pelo II Exercito nos sectores allemães interessados na margem direita.

O assalto seria dado tendo em primeira linha 3 divisões (I), que estariam promptas a serem apoiadas por 3 divisões da segunda linha, ou seja, um numero de grandes unidades equivalentes ao que os Allemães nos poderiam oppor (II). Não tínhamos portanto a superioridade dos meios materiaes, mas, incontestavelmente, a superioridade moral bem como a da instrucção, porque os quadros e os homens estavam minuciosamente preparados para o ataque.

No decorrer das jornadas entre 20 e 23 de outubro, nossa artilharia e nossa aviação tornaram-se senhoras do campo de batalha, em presença de baterias inimigas ainda bastante numerosas, mas sem duvida condemnadas a uma severa economia de munições. A publicação allemã de Werner Beumelburg, que acaba de apparecer em Oldemberg, enche-nos de admiração, sobre o que sofferam os occupantes do forte de Douaumont. Cinco tiros de nossos morteiros de 400 na jornada de 23, occasionaram verdadeiros desastres, demolindo successivamente o lazareto e as quatro casamatas mais importantes do primeiro andar. Na tarde, outras explosões demoliam o posto dos pioneiros, incendiando um deposito de foguetes e de munições para metralhadoras, tornando inhabitavel a maior parte dos corredores atravez dos quaes se espalhava uma fumaça espessa e acre. Na falta de agua, para refrescar a alma das peças jogavam sobre as mesmas garrafas de agua gazosa destinadas aos feridos, em pura perda aliás; e, no dia 24, entre 5 e 7 horas da manhã, a guarnição abandonava a praça, nella deixando apenas uma vintena de homens sob as ordens do capitão Prolius. Isto não era, por certo, em absoluto, uma "fuga da posição" porque o commando approvara esta manobra, e portanto, não nos sera justo ficar orgulhosos, comparando essa attitude com a da pequena tropa do commandante Raynal, mantendo-se no forte de Vaux até o ultimo extremo, arriscando-se a uma explosão das minas que sentia estarem sendo cavadas sob seus pés?

Nossas tres divisões partiram para o ataque ás 11 hs 30, favorecidas por uma intensa neblina que dissimulava sua progressão, mas que impedia completamente a observação pela aviação e as ligações entre a infantaria e a artilharia. Esta havia felizmente regulado sua acção de maneira impecavel, suas barragens, precedendo as tropas de infantaria do ataque, desdobravam-se com uma regularidade mathematica e nossos admiraveis infantes chegaram á altura do forte de Douaumont immediatamente após a queda do ultimo grande obus. A divisão Passaga, na frente do dispositivo, estabeleceu-se fortemente sobre uma linha que ia da torre Este do forte de Douaumont até o norte da villa de Vaux. A divisão Guyot de Salins, por um instante retardada pela bruma no

(I) A 38ª (general Guyot de Salins) contra o forte de Douaumont; a 133ª (general Passaga) no intervallo entre Douaumont e Vaux; a 74ª (general Lardenelle) contra o forte de Vaux.

(II) A 34ª, a 54ª, a 9ª divisão e a 33ª divisão de reserva em primeira linha; as 10ª e 5ª divisões em segunda linha.

chaos do bosque de Laillette e dos arredores da fortificação, appareceu pouco após á sua esquerda, lançou nos fossos, nos corredores e nas casamatas os batalhões Croll e Niclái do regimento colonial de Marrocos, capturou o destacamento Prolius, e installou-se no forte reconquistado. A divisão da direita não conseguiu, neste dia, penetrar no forte de Vaux, porque soffreu pesadas perdas no decorrer de seu avanço, mas foi substituída nos dias que se seguiram por uma divisão fresca (1) que por sua vez entrou no forte, no dia 2, o qual egualmente tóra evacuado pelos Allemaes.

Sob o peso de golpes tão rudemente despendidos, em Verdun e sobre o Somme, a Allemanha fazia boa figura. Seus chefes — os homens de Este — decidiram manter-se na defensiva deante de nós e deixar os Austriacos resistirem aos Italianos que atacavam sobre o Isonzo; não se emocionaram em Novembro, com a perda de Monastir, sobre o "front" ao norte de Salonica; transportaram todas as suas disponibilidades contra os Russos- Rumaicos, para ajustar contas com nossos novos aliados.

Por meio de uma campanha fulminante, onde se illustraram Mackensen e Falkenhayn, os exercitos allemães transpuzeram os Carpathos e o Danubio, espalharam-se nas planicies e entraram em Bucarest em 6 de dezembro.

Deslumbrante successo, não se póde negar, mas que não trocava de muito a face das cousas, como aliás disse mais tarde o quartel-mestre geral: "Batemos o exercito rumaiico, mas não pudemos destrui-lo... Apesar dessa victoria, permaneciamos enfraquecidos sob o ponto de vista do desenrolar da guerra". Os Imperios Centraes queriam entretanto retirar desses acontecimentos um beneficio positivo, eis porque, em 12 de dezembro, contando com uma mediação do presidente Wilson, davam a conhecer sua intenção de iniciar as conversações sobre a paz.

Respondemos com a nova offensiva de 15 de dezembro deante de Verdun. Evidentemente não podiamos acceitar a idéa de taes negociações, quando a generosa e valente Rumania acabava de se sacrificar totalmente pela causa dos Alliados. O general Mangin, naquella dia, conforme minhas instrucções e as do general Nivelle, preservando reconquistar as posições de cobertura da linha dos fortes, lançou ao norte de Douaumont quatro divisões (2), apoiadas por outras quatro divisões em segunda linha e por 740 canhões.

Tinhamos desta vez, a superioridade numerica deante das quatro a cinco divisões que somente nos poderiam ser oppostas pelo V Exercito allemão no sector do ataque, e nossa artilharia mais ainda do que no dia 24 de outubro, dominou a situação. Assim, conquistamos, sem difficuldades e quasi que sem perdas, toda a zona de cobertura dos fortes desde Vacherauville até Louvemout e Bezouvaux, passando pelo bosque

de Cavrières. O general Mangin, felicitando suas tropas, dava-lhes a entender que por esse modo ellas respondiam da melhor fórma as proposições de paz da Allemanha: "... Nossos paes da Revolução recusavam tratar com o inimigo emquanto elle pisasse o solo sagrado da patria, emquanto elle não fosse repellido para alem de nossas fronteiras naturaes, emquanto o triumpho do direito e da liberdade não fosse assegurado... A França respondeu pela bocca de vossos canhões e pela ponta de vossas bayonetas... Fostes os bons embaixadores da Republica: ella vos agradece".

Era o fim da batalha de Verdun em 1916. Ella inspirou ao kromprinz estas commoventes palavras: "Pela primeira vez, tive consciencia do que era perder uma batalha. Duvida de mim proprio, exprobações á minha pessoa, sentimentos amargos, julgamentos injustos contra o proximo, tudo isso se chocava em meu coração e pesava profundamente em meu espirito! Reconheço abertamente, foi necessario algum tempo para retomar meu sangue frio, e para reencontrar uma fé bastante solida no futuro". E, a Lucíendorf, esta constatação que surge dolorosa para elle após o embriagante successo da Rumania: "O golpe que nos attingiu foi particularmente cruel... Haviamos soffrido muito no decorrer deste anno. Sobre a frente Oeste estavamos completamente esgotados!"

Mais tarde tive a grande satisfação de presidir como commandante em chefe dos exercitos francezes, ás acções offensivas que terminaram a libertação de Verdun: a de 20 de Agosto de 1917 que, sob as ordens do general Guillaumat, restabeleu quasi integralmente as posições que occupavamos em 21 de fevereiro de 1916, tanto sobre a margem direita como sobre a margem esquerda do Mosa; em seguida a que, em 12 de setembro de 1918, foi tão brilhantemente executada pelo I Exercito Americano, ás ordens do general Pershing, e que reduziu o famoso saliente de Saint-Mihiel e libertou o flanco Este da praça...

Verdun, emfim, a cidade illustre e inviolada, serviu de ponto de partida para os exercitos franco-americanos que, lado a lado, se lançaram para a victoria dos ultimos dias de setembro ao dia 11 de novembro de 1918!

O SOLDADO DE VERDUN

Em 19 de Setembro de 1927, uma grande multidão de peregrinos comprimia-se para assistir á inauguração official do Ossuario de Douaumont destinado a conter os sagrados despojos de um grande numero de nossos heroes cahidos no campo da honra.

Nesse dia, tomado pela tristeza das recordações, evocando a imagem gloriosa e veneranda dos combatentes que outrora eu commandava, tentei relembrar seus soffrimentos e seus meritos. Que me seja permittido citar algumas palavras que me afluavam aos labios e que formaram a melhor conclusão do que escrevi sobre Verdun:

"... Todos deveriam ser citados nominalmente, soldados de Verdun, soldados que

(1) A 9ª divisão (general Andlauer).

(2) 126ª (general Muteau), 38ª (general Guyot de Salins), 37ª (general Duplessis) e 133ª (general Passaga).

combateram nas linhas ou mesmo que ficaram nas retaguardas. Pois se falar com justiça, como devo, aos que nas primeiras fileiras tombaram na luta, sua coragem teria sido em vão, se não fosse auxiliada pelo labor obstinado de dia e de noite levado até o limite das forças, daquelles que asseguravam a chegada regular dos reforços, das munições e dos viveres, ou a evacuação dos feridos: conductores dos caminhos da Via sagrada, sapadores das estradas de ferro, conductores de ambulancias...

"De que aço seria forjado esse soldado de Verdun que a França encontrou no momento necessario para fazer face a uma situação excepcionalmente grave, e que poudo enfrentar sem temor as mais duras provações? Teria recebido elle uma graça particular para ser levado tão naturalmente ao heroismo?

"Nós que o conhecemos, sabemos que elle era simplesmente um homem, com suas virtudes e fraquezas; um homem de nosso povo cujos pensamentos e affectos permaneceram ligados, apesar de dezoito mezes de guerra, á familia, á officina, ao escriptorio, á cidade natal, á fazenda onde nasceu e cresceu.

"Mas, são precisamente esses laços individuais, cujo conjuncto constituia o nó que os prendia á Patria, que lhes impunha a obrigação de proteger os seres e as cousas que aos seus olhos valiam tanto como suas vidas, que os dispunham ao sacrificio total.

Outros sentimentos para isso contribuiam igualmente: amor á terra para o lavrador, que achava natural sacrificar-se pela defesa da heridade patriarchal; submissão religiosa ás decisões da Providencia, no crente; defesa de um ideal de civilização no intellectual.

"Entretanto, os mais generosos sentimentos não eram bastantes para justificar a aptidão combativa: esta não se adquire sinão pouco a pouco,

habitando-se com as impressões do campo de batalha, e pela experiencia das condições da luta.

"Ora, é necessario recordar-se como a guerra, já tão longa, havia em 1916 preparado nossos homens fazendo-os soldados no mais perfeito sentido da palavra.

"Tantas misérias soffridas haviam-lhes enrijecido o coração contra as emoções e augmentado sua capacidade de soffrimento a um grão excepcional! A visão continua da morte enchera-os de uma resignação que confinava com o fatalismo. Uma longa pratica do combate ensinara-lhes que os successos são obtidos pelos mais tenazes e desenvolvera-lhes as qualidades de paciencia e obstinação. Compreenderam egualmente que na luta cada um é solidario com todos os outros e sacrificara-lhes os habitos individualistas e os preconceitos de classe, creando assim esta admiravel camaradagem que garantiu a cohesão dos combatentes.

"Tornando-se soldado experimentado, confiando em si proprio e em seus camaradas, orgulhoso de sua reputação, seguia para a linha de fogo, certamente sem enthusiasmo, mas sem desfalecimentos e cheio de coragem.

"Sentindo pesar sobre si a exigencia das necessidades superiores da patria, cumpria seu dever até o limite de suas forças.

"Póde-se pensar com effeito que o soldado se teria elevado tão alto no heroismo, se não tivesse atraz de si a confiança e o ardor de toda a nação? Era o paiz inteiro que aceitava a luta, com todas as suas consequencias moraes e materiaes.

"O soldado foi o vencedor da batalha, porque recebeu do sentimento nacional, o impulso necessario; foi a vontade do paiz que a elle se impoz..."

a) Marechal Pétain.

O Dispositivo

— O **dispositivo** define a repartição das tropas e o seu escalonamento no terreno, de modo a obter a convergencia de esforços, sem fadigas excessivas e perdas inuteis, na acção de conjuncto prevista pelo chefe.

Doutro lado, elle permite que todos os elementos tomem as melhores formações para aproveitar o terreno, de modo a reduzir o mais possível a visibilidade e a vulnerabilidade e a empregarem nas melhores condições, inicialmente, os órgãos de observação e, a medida que se approximam do inimigo, os órgãos de fogo.

— **Mesmo a distancias muito grandes do inimigo**, estão as tropas expostas á acção da aeronautica adversa: bombardeios de dia e de noite e ataques de aviões que võem baixo.

A protecção contra os ataques, aereos, a unica que se impõe neste caso, é obtida em primeiro logar por meio de medidas tomadas pelas tropas com os recursos proprios (difarces, apro-

veitamento das cobertas e tiros das armas automaticas) e, em seguida, pela aviação e pelos fogos da defesa aerea.

— **Longe do inimigo** devem as tropas guardar-se contra as acções de pequenos elementos e que disponham de meios rapidos de transporte; devem, então muitas vezes, evitar certas localidades importantes e batidas systematicamente pela artilharia de grande alcance.

— **A' proporção que se approximam do inimigo**, as tropas devem proteger-se contra as surpresas pelo fogo da Artilharia de longo alcance inicialmente, contra toda especie de artilharia em seguida e finalmente contra os ataques pelo fogo da infantaria.

— Dahi resulta para as tropas, nos casos encarados pelos dois ultimos paragraphos, a obrigação de articular-se em largura e em profundidade e de cobrir o seu dispositivo por meio de destacamentos de segurança.

(Réglement d'Infanterie — III Partie — Titre V).

A PRATA DE CASA

Pelo Cap. PAULA CIDADE

Os antigos generaes do Brasil teriam sido inferiores aos generaes de outros paizes, seus contemporaneos?

A resposta affirmativa a semelhante interrogação constitue uma lenda, filha da ignorancia.

Viveram elles numa época em que os estudos militares ainda não estavam systematizados, em que os conhecimentos tacticos decorriam da experiencia adquirida durante as proprias guerras e das aptidões de cada um.

Tem-se dito e tem-se escripto, principalmente a partir de Napoleão, que se pode aprender a fazer a guerra lendo as campanhas dos grandes generaes e meditando sobre ellas. Admittindo que os nossos fossem menos letrados do que os europeus, o que nem sempre é verdade, esse preceito não podia deixar de ter um valor muito relativo, por que se de um lado foi Napoleão quem prescreveu de modo explicito semelhante estudo, de outro, foram os estados-maiores allemão e francez que nos ensinaram a fazel-o.

Das narrativas heroicas, que representavam a melhor porção da historia militar de todos os povos, pouco se aproveita sob o ponto de vista technico; não são fieis nem methodicas e deixam de lado a parte referente aos principios que foram applicados.

Os nossos generaes e os generaes portuguezes do tempo do Brasil colonia ou do primeiro imperio, fizeram tanto ou mais do que os seus confrades europeus, olhados em massa. Formados na mesma escola, cada qual se adaptou ao seu scenario.

As operações que dirigiram não foram obra do acaso, conforme se pode ver dos vestigios deixados em nossos archivos; eram gizadas previamente, embora sem os requintes actuaes, de-

correntes da complicação do instrumento a ser manejado.

Perfeito ou imperfeito, o serviço de segurança sempre existiu; os exercitos sempre se alimentaram e gastaram munições, sempre receberam homens aptos e evacuaram os seus doentes e feridos. Tudo estava previsto, de accordo com os modestos recursos e com as limitadas necessidades daquelles tempos.

E os generaes, de onde provinham? Dos melhores soldados, dos que haviam obtido maiores exitos na guerra. Os maiores exitos correspondiam certamente a maior experiencia e a maiores aptidões.

Nega-se aos nossos, por desconhecimento do assumpto e por falta de amor proprio nacional, o que amavelmente se concede aos outros, esquecendo que dentre os antigos generaes brasileiros muitos tomaram parte nas mais celebres campanhas europeas. Sob o governo de Pedro I, contratamos na Europa officiaes de estado-maior de alto valor, como esse Seweloh, que nos legou um optimo diario critico da primeira parte da campanha de 27, Brown, official allemão que servira em Portugal e na Inglaterra contra Napoleão, occupando altos postos. E assim outros, sendo que o proprio De Brack, antes de publicar os seus *Avant-postes de cavalerie légère*, esteve no Rio de Janeiro, empenhado em organizar um regimento de sua arma.

Toda essa gente sabia o seu officio do lado de lá do Atlantico, mas esquecia-o do lado de cá.

Um paiz cujos filhos não tenham o sufficiente amor proprio para exaltar o seu passado e para impedir que um manto de injustiças envolva a aquelles que conquistaram e defenderam o solo da patria commum, pouco pode esperar das novas gerações...

Os officiaes da tropa e "A Defesa Nacional"

"A Defesa Nacional" infelizmente ainda não conseguiu a permanencia, em suas columnas, de uma collaboração proveniente dos officiaes dos corpos de tropa. Esparsamente nos chegamos artigos dos nossos camaradas em serviço arregimentado.

Parece-nos, entretanto, que esta Revista ainda seria mais util ao Exercito se podesse vehicular, em suas paginas, e com accentuada frequencia, estudos, descripção dos exercicios importantes, programmas de instruc-

ção, suggestões, propostas, criticas, impressões, etc.

Bem sabemos que são grandes as occupações que tomam o tempo de um verdadeiro official de tropa. Avaliamos tambem o alcance dos seus trabalhos, cujo conhecimento, por parte dos officiaes dos estados-maiores, escolas, repartições e estabelecimentos militares, só poderia ser conveniente e util.

Aqui deixamos, pois, o nosso appello de collaboração aos camaradas dos corpos de tropa.

O. R. I. S. G. 1930

Pelo Cel. BERTHOLDO KLINGER

II

(Continuação da parte C. — Observações por menor)

DO TITULO II — 16. — O art. 65, das atribuições do cmt. do regimento, reproduz em seu n. 11 a competência dessa autoridade de convocar os officiaes de reserva, para os periodos regulamentares de instrução, e no n. 17 a de convocação de reservistas para instrução. E' para desejar não continuem inoperantes essas duas attribuições; o seu exercicio depende do ajustamento de outras lei, especialmente da de meios.

17. — O mesmo art. 65, em seu n. 22, dá ao cmt. do corpo a competencia de "designar em boletim o dia e hora em que se deverá effectuar o pagamento dos officiaes e das praças"; é uma ampliação do que a 2ª ed. já estabelecia com relação aos vencimentos das praças: tocando no assumpto, melhor fôra haver aproveitado para dar-lhe um geito mais livre e mais completo. Para que essa prévia designação em boletim? Quem não sabe que em corpo algum, recebido o dinheiro, se espera pelo boletim para começar o pagamento? Basta a autorização verbal ao almoxarife-pagador e a notificação verbal, expedita, aos interessados - uma boa nova, que encontra grande conductibilidade no meio, tão grande como a que é proverbial para as más novas. Basta que o boletim ao publicar o recebimento acrescente que foi autorizado o pagamento; e seria o caso de ver no Regl. n. 3 tudo quanto elle estabelece sobre publicidade de movimento de fundos e encaixar neste logar essa materia, completa.

18. — No n. 24 está fixada uma recommendação de que presida a equidade á distribuição dos recrutas entre as sub-unidades, tanto no ponto de vista da habilitação profissional civil, como no da habilitação escolar. E' uma medida que não carece justificação e só deve causar estranheza que ainda fosse mistér recomendar isso, mas é verdade que raros eram os corpos em que assim se procedia.

19. — Neste mesmo n. e no 25 transparece, porém, uma idéa imperfeita quanto á intervenção dos chefes de serviços para a distribuição dos recrutas: só depois do exame de instrução dos recrutas é que esses chefes podem pretender uma attribuição de pessoal proprio, assim mesmo ainda com restricção, isto é, somente tanto quanto o exija a prestação do respectivo serviço especial ou a aprendizagem e pratica correspondentes. A classificação definitiva annual de pessoal para os serviços só é racionalmente cabivel depois do respectivo exame de instrução da especialidade, o qual normalmente poderá ter logar pelo fim do 2º periodo, de preferencia antes dos exames deste, para que ahi já as cias., etc., possam figurar com conscriptos do anno em todas as funcções. E' coisa perfeitamente a distinguir

da necessidade indiscutivel de se começar — e o mais cedo possivel — no 1º periodo a instrução dos novos aprendizes de especialistas; para a designação dos respectivos candidatos é justo que intervenham os chefes dos serviços, mas isso não deve envolver nem classificação nem transferencias, mesmo porque por algum tempo tem que ficar abertas as portas ás permutas que resultarem necessarias, visto como não ha base segura, em geral, para acertar nas designações iniciais, que, por isso mesmo devem ser feitas com excedentes.

20. — Pelo n. 26 parece que continua em vigor o recente aviso que mandou submeter a aprovação do cmt. da Região os engagements de sgt. Se a intenção é esta, conviria tê-lo ahi expresso. Creio que o Sr. Ministro preferiria deixar em sossego essa deselegante entorce do R. S. M. qual não posso mais detidamente comentar porque sei de onde partiu e como escapou de ser mais grave.

21. — No n. 29, sobre a escripturação dos reservistas, conviria ter incluido a obrigação de proceder periodicamente ao confronto com o registro militar, nas circumscripções de recrutamento. O operoso ten. cel. Ascendino D'AVILA MELLO, chefe da 1ª C. R., teve a iniciativa de realizar semelhante confronto e descobriu num R. a falta de escripturação de cerca de dois mil reservistas.

22. — Pelo que dispõe, ainda no art. 65, o n. 30, na alinea c não fica revogada a sabida disposição que tomou o aviso de 9 de maio de 1923, segundo a qual o official promovido, até ser classificado continúa prestando serviço no corpo, como se effectivo fosse, desde que haja função para seu novo posto. Teria sido opportuno consolidar esse preceito, incluindo-o no R. I. S. G.

23. — Na alinea e do mesmo n. teria cabido cogitar do caso, que não raro se apresenta, em que a praça julgada physicamente incapaz é excluida e só consummado isso apresenta sua petição de asylamento.

24. — Pela alinea 31 cessa a faculdade de excluir por interesse da disciplina as praças que só estejam retidas por motivo de divida ou de cumprimento de castigo disciplinar. Era um optimo recurso, de que agora é privado o cmt., na defesa da disciplina. Sob o ponto de vista pecuniario, estreito, é uma illusão conservar tal homem no serviço até que elle ganhe do Estado o necessario para pagar o que deve ao proprio Estado ou ao corpo; e já se abre mão, nessa conta, do aspecto de que não menos illusoria é a prestação de serviço por um homem retido constrangido. Sob o ponto de vista do cumprimento do castigo, tambem esse luxo de mandonismo sae caro ao Estado, e seria muito mais efficiente, educa

tiva e disciplinarmente, a declaração de que o homem é excluído a bem da disciplina, apesar de não haver cumprido a pena disciplinar ou saldado a dívida.

A exclusão em semelhante situação é, felizmente, prevista no R. I. S. G. quando se trate de homem alcançado pela pena de exclusão por incapacidade moral (n. 30, alínea g).

25. — Pelo n. 34 conserva-se a exigência de cinco annos de serviço para que o sgt. obtenha licença para casar-se. Seria razoável reduzir a exigência e generalizar a medida: para as praças reengajadas. O desrespeito da condição referida é previsto como transgressão disciplinar; mas, qual é o proveito que ha em prender por 30 dias ou mesmo só por 24 horas um sgt. que se casou sem ter pedido licença, que não podia pedir por não ter cinco annos de serviço? O cmt., que não seja puro transmissor inerte das pressões dos chefes e dos regulamentos, para não incorrer elle mesmo em transgressão (art. 338, n. 66) satisfará o R. I. S. G. com uma reprehensão. Então dirá tal sgt.: vale a pena arriscar... Mas a rigorosa applicação da prohibição regulamentar em causa, sobre ser de utilidade e legalidade muito contestáveis e de evidente antipatriotismo num paiz que tanto clama pelo povoamento do solo, dá lugar a males maiores: ou casamento legal, mas clandestino, ou união illegal.

26. — Para que emprestar ao registro dos periodos de manobras a especial importancia em que o destaca o n. 37, ainda do art. 65? A caderneta está organizada de tal maneira que esse acontecimento commum da vida militar do soldado não será omitido no registro. Seria o caso de dizer nesse n. algo mais geral e mais completo sobre a escripturação da vida militar do homem na sua caderneta a isso destinada.

27. — Em vez de quatro dias, uma vez no mez (R. I. S. G. 1920), pôde o cmt. do corpo dispensar por seis dias aos seus commandados, estabelece o n. 46; porém com uma alteração em sentido contrario: tal dispensa só pôde ser dada "uma vez dentro de trinta dias". Para evitar o horripilante abuso a que dava lugar o R. I. S. G. antigo de se emendarem 4 dias dum fim de mez e mais 4 do começo do immediato...

28. — No direito de annular "sómente dentro de trinta dias e caso ainda não esteja averbada", conforme dispõe o n. 47, "qualquer nota disciplinar sua, uma vez que venha a reconhecer a injusta ou illegal", bem se poderiam ter supprido aquellas restricções; porque: 1º, em geral, por accumulo de serviço, o atrazo das averbações é superior a 30 dias; 2º, o cmt. ali tem, ipso facto, o conselho de systematicamente estabelecer que não se façam taes averbações antes de decorridos 30 dias; 3º, se a averbação ou o decurso de mais de 30 dias, afinal, não impedem que se faça a annullação, não é pratico absorver com taes ninharias o tempo sempre tão pouco para as mais importantes meditações de um ministro. O disposto no n. 75 reforça essas considerações. (Ver adiante, 38).

29. — A annullação do alistamento indevido de praça dum reservista ou dum excluído por incapacidade moral, n. 48, deve ser completada com

uma sanção penal, por via civil. E a annullação de praça do voluntario que se haja servido de documentos falsos, n. 49, deve ser precedida de trabalho a ver se é possível obter documentos verdadeiros, que justifiquem a incorporação; caso isso seja improficuo, o castigo, que para este caso o R. I. S. G. prevê, deve ter logar por via civil.

30. — Poder-se-ia ter aproveitado o n. 52 para dar um impulso educativo no sentido de mudar a mentalidade dominante do traquejo da "carga certa", pela mentalidade, militarmente unica admissivel, da "carga completa". Assim é que nos casos quaesquer de inutilização ou extravio de artigos da carga, a primeira providencia, acima de tudo, deve ser a prompta substituição; só depois virá a communicação da occurencia e das decorrentes providencias, á repartição fornecedora ou preposta.

31. — O n. 53 mantem uma disposição irrational: para que fazer depender de prévia autorização das directorias ou serviços fornecedores a descarga de artigos extraviados ou inutilizados, "quando não fôr encontrada justificativa de força maior e não haja responsaveis pelos prejuizos"? Que é que esse orgão pôde fazer senão autorizar a descarga? Por que, então, protelar um acto elementar, como esse de publicar a eliminação de artigos da carga, quando se verificou que desapareceu am ou ficaram inutilizaveis? Essa elementar declaração poderia, em rigor, até preceder a apuração das causas, pois que são coisas perfeitamente independentes. Parece que o intuitivo é que, seja qual fôr o caso e a causa de eliminação de artigos da carga, a respectiva publicação deve ser feita pelo cmt. do corpo, ao mesmo tempo, sempre que possível, com a da providencia para recompletar a carga, e depois fazer a communicação, com os competentes esclarecimentos, á respectiva directoria ou serviço fornecedor.

32. Que utilidade ha nessa exigencia, raro exequivel, do n. 54, de remetter o corpo mensalmente, "até o dia 10", o mappa da despesa de illuminação? A frequencia do mappa deve guardar relação com a duração dos respectivos quantitativos ou massas, o que não impede que elles tragam a discriminação do consumo diario.

E' velha no exercito, e profundamente arraigada, a ergia de mappas e toda outra papelada, de immensa variedade; quanto mais se vae tendo que trabalhar utilmente, mais cresce a repulsa irreprimivel ás exigencias sem utilidade incontestavel e evidente. Si se passassem previamente as exigencias burocraticas pelo crivo da utilidade, os executantes sentiriam uma intelligencia, uma finalidade, no trabalho que se lhes impõe e então haveriam de satisfazer-o de boa vontade.

33. — Por que e exclusiva citação, no n. 37, dos mappas do material de mobilização a serem remettidos nas epccas devidas? Poder-se-ia acrescentar: "e outros, estabelecidos pelos diversos regulamentos".

Em particular quanto a material de mobilização, é de esperar que o novo R. S. M. B. ou melhor, o Rgl. n. 3 traga a definição precisa do que se deva entender por esse material, pois que a vulgar vel-o confundido, precisamente nos

mappas, com a dotação de serviço corrente ou de pé de paz.

34. — No n. 64, sempre ainda art. 65, uma vez que se dá destaque á descarga das "municações consumidas em exercícios", e á correspondente comunicação ao S. M. B. da Região, poder-se-ia ter acrescentado: "e ordenar o competente recolhimento de resíduos (cunhetes, estojos, caixetas, etc.), bem como remetter opportunamente os mappas de registro de tiro".

35. — O relatório annual, "organizado de accordo com o memento annexo ao presente rgl.", a enviar á autoridade immediatamente superior, n. 65, o deveria ser em duas vias, uma dellas destinada a ser encaminhada ao M. G.; além disso, o proprio corpo deveria remetter directamente ás diversas directorias copia da respectiva parte do relatório.

36. — No n. 69, referente á limitação do prazo de exercicio de funções pelos ajts. de R. e de Btl. cumpria, para melhor assegurar a effectiva observancia desse velho e bom preceito, intercalar entre as duas primeiras palavras, "Provo-car providencias", este complemento: "com a conveniente antecedencia"; e, principalmente, acrescentar no fim: "e substitui-los interinamente ao cabo desse prazo, improrogavel, caso não tenham chegado as providencias". Talvez conviesse indicar tambem que no pedido de providencias o cmt. do corpo devia propôr a troca de funções de officiaes seus, mais conveniente para resolver o caso.

37. — O n. 72, relativo á nomeação da comissão de remonta, parece superfluo, deante do n. 20, que já cogita de todas as "commissões previstas nos regulamentos".

38. — O n. 75 crea uma louvavel novidade, qual a do cancellamento das más notas, como premio de dez annos de bom comportamento. Independente de seu merito intrinseco, essa innovação vem permittir que se acabe com a conhecida fraude que dá a toda gente as medalhas de bons serviços militares, instituidas por decreto de 15 de novembro de 1901. Conviria determinar que os cmt. de corpo fizessem tal cancellamento ex-officio, e sómente se necessario haveria requerimento do interessado.

39. — No n. 79, referente ao sacrificio de cavallos por motivo de certas doenças ou de desastre, conviria acrescentar: "Si o sacrificio tiver que ser consummado fóra do quartel, o official de dia será substituido por outro official, que acompanhe o veterinario e assigne o termo e, em qualquer caso, se faltar veterinario será este substituido por outro official".

40. — Para encerrar os reparos sobre o art. 65, convem deixar mencionado que: 1º, apesar de tão desenvolvido, prolixo mesmo, está incompleto, e que a ambos esses senões se remediará fazendo apenas menção dos diversos regulamentos que o cmt. do corpo tem que manusear attenta e constantemente em busca de attribuições a cumprir, que elles lhe prescrevem; tal manuseio de todo modo é imprescindível, pois por mais vastas que sejam as transcripções no R. I. S. G., ellas não são completas; 2º, a materia a especificar neste artigo em que se desenvolvem, enumeram

ou accentuam attribuições do cmt. do corpo é susceptivel de um esforço de coordenação, de forma que se apresentem reunidos os itens attinentes á mesma natureza de serviço, que dentro de cada grupo assim caracterizado os itens se succedam com naturalidade, quando possivel, e que igual criterio presida á successão dos grupos.

41. — Na epigraphe "Do sub-cmt.", art. 66 e 67, parece que seria duplo melhoramento alterar a redacção do 1º e transferir delle uma parte para o 2º, que é o das incumbencias: Ficaria, por exemplo:

"Art. 66. — O sub-cmt. é o auxiliar principal do cmt. do corpo, seu intermediario na expedição das ordens e seu delegado permanente para a fiscalização de sua execução.

Art. 67. — Incumbe ao sub-cmt.:

1. Exercer toda a iniciativa e dedicação no desempenho de sua função e esforçar-se pela estricte unidade de vistas com o cmt., mórmente não esquecendo, nem deixando esquecer, que ao emittir ordens ou colher informações o faz em nome do cmt."

42. — Na epigraphe "Do ajudante", art. 68 e 69, nota-se que não foram galhardamente vencidas as difficuldades varias inherentes ao problema de substituir por uma regulamentação clara a situação antiga, desde muito decahida, em que havia um ajudante de R. e um secretario, para os mesmos serviços que pouco depois da publicação do R. I. S. 1920 passaram a ser exercidos por um só official, por effeito de reforma na organização do Exercito.

Melhor exprimirá a minha apreciação supra a seguinte proposta de alteração:

"Art. 68 — O ajto. do corpo é o auxiliar immediato do sub-cmt. para o serviço da Casa das Ordens e é o cmt. da cia. extranumeraria, tendo como subalterno o official das transmissões e outros officiaes do corpo que não pertençam aos btl. e aos serviços.

Art. 69. — Incumbe ao ajudante".

Nesse segundo artigo ficariam enfeixadas todas as incumbencias, especialmente de cmt. da Cia. Extr. e de Casa das Ordens, que, incorrectamente estão separadas em dois artigos. A essas incumbencias conviria acrescentar a que lhe dá o R. I. Q. T., de encarregado do registro da instrução dos officiaes. E ao mencionar a materia que agora está no art. 69, n. 1, conviria, muitissimo, acrescentar: "e pessoalmente fiscalizar toda a expedição de correspondencia ou documentos".

43. — Na epigraphe "Companhia extranumeraria", que abrange doze sub-epigraphes, art. 70 a 80, faço os seguintes reparos:

a) — No art. 71, do 1º sgt. arch., não havia necessidade do § unico: a simples conjuncção "e" fazia melhor o serviço (como de facto está feito no art. 72, do 2º sgt. arch.).

b) — No art. 73, do 2º sgt. do m. b., ha neste R. I. S. G. melhor definição das funções, em correspondencia com a denominação. Teria sido ainda melhor não entrar na especificação do material bellico, para não omittir as viaturas, que delle fazem parte, nem entrar no conflicto das

duas directorias, de Intendencia e de Material Bellico, sobre o arrearimento.

c) — No art. 74, do 3º sgt. forriell, cabo forriell e cabo do m. b., em vez de "as mesmas" (attribuições) deve ser "analogas". Porque na Cia. o 3º sgt. forriell accumula funções de m. b., o que não se dá na Cia. Extr. e lá o cabo do m. b. é, pelo motivo indicado, auxiliar do 3º sgt. forriell, o que aqui não tem cabimento, ao passo que naturalmente elle deve aqui ser auxiliar do 2º sgt. m. b.

d) — No art. 75, dos sgt. artifices, ha o judicioso aproveitamento dos mesmos no serviço de munições, a fazer systema com outros dispositivos novos do R. I. S. G.

e) — Nas attribuições dos musicos, art. 79, foi omittida a aprendizagem do serviço de padoleiros.

f) — A **Nota** que está em seguida ao art. 80, parecendo por isso referir-se a elle, quando não é o caso, deveria ser uma subepigrapha — é a que contei como 12ª — e constituir um art.

44. — Passando ao "Capitulo II — Do pessoal das transmissões", tem-se um leve choque, por lembrar que o "Capitulo I — Regimento", não está completo; e examinado adeante verifica-se que os dois seguintes: "Cpt. III — Do pessoal administrativo" e "Cpt. IV — Dos officiaes e graduados contadores em geral" ainda deviam entrar na chave do "Regimento"; e, ainda, examinando atraz verifica-se que o subtitulo do cpt. I. "Estado Maior" tambem ficou incompleto, não só por deslocamento de materia dentro deste Titulo II, mas até por uma relegação de officiaes do Estado Maior do R. para outro Titulo: o pessoal de saúde e veterinaria.

Em resumo, estamos deante de um grave defeito de articulação da materia. O Titulo II deveria ser dividido em três "Partes", 1ª, 2ª e 3ª. O REGIMENTO, O BATALHÃO, A COMPANHIA: a 1ª Parte comprehenderia dois capitulos, "Estado Maior" e "Cia. Extr." (por que não restabelecemos a derrocada designação antiga, nacional, mais simples, "Estado Menor"?); o capitulo "Estado Maior" comprehenderia não só, como está, o cmt., o sub-cmt. e o ajt., mais ainda o fiscal adm., o official de transm. etc. os medicos, os veterinarios e os officiaes contadores; o outro capitulo, que completa a 1ª Parte, comprehenderia, alem do que está, tudo que se refere ás praças das transm. e dos serviços (contadores, saúde e vet.). Analogia articulação deveria ter a Parte 2ª, do Btl, isto é, em dois capitulos, Estado Maior e Cia. Extra. Ainda por analogia, a 3ª Parte, A Cia., teria dois capitulos: Os officiaes, as praças.

45. — A promissora innovação de delimitar as funções do antigo fiscal, desdobrando-as entre um sub-cmt. e um fiscal adm., uma vez que este é do quadro da arma, (art. 88) deveria na applicação prevêr um rodizio, analogo ao dos ajts. Este é um outro pequeno retoque poderiam ser attendidos com um n. 4 a acrescentar ao art. 90, assim:

"4. São substituidos definitivamente:

a) por proposta do cmt. do corpo, devidamente justificada;

b) por acto do cmt. do corpo, ao cabo de dois annos de função, na forma do art. 65, n. 69".

Si com alguma razão se fica apprehensivo á primeira leitura do art. 88, quando se toma conhecimento de que o fiscal adm. "é o auxiliar immediato do cmt. na administração do corpo", e isso porque não se comprehende que possa haver nada no corpo que não seja de sciencia do sub-cmt., vae-se entretanto recuperar a tranquillidade relendo no art. 66 que o sub-cmt. é o intermediario do cmt. na expedição de todas as ordens, cuja execução fiscaliza".

46. — O Capitulo IV, "Dos off. e graduados contadores", consolida a remodelação havida nessa materia e ajusta as attribuições dos officiaes contadores á criação do fiscal adm., ao qual elles ficam "directamente subordinados" (art. 93). As antigas funções de almoxarife e thesoureiro ficam reunidas num só agente, o almx-pagador (art. 95 e 96).

Os "balanços regulamentares do material", art. 95, n. 18, passam a organizar-se sobre a classificação em "bens moveis, immoveis, permanentes e de consumo".

Diz o art. 96 que "a almx-pagador tem como auxiliares sgt. contadores e do m. b." e o art. 98 que "o official de aprovisionamento tem como auxiliares sgt. contadores": vem a idéa de que seria mais natural suprimir a designação especial de m. b., augmentar correspondentemente o numero de sgt. e cabos contadores, pois que ficariam todos os auxiliares dos contadores com esta designação expontanea; tanto mais que o art. 99 prevê o muito util revesamento dos sgt. contadores — e porque não fazer o mesmo para os cabos contadores — nos diferentes ramos de serviço de adm. Tambem seria outra solução razoavel e pratica, a conservar a separação de graduados de m. b., dar a todos os demais graduados contadores designação discriminada, consoante a dos respectivos officiaes: sgt. e cabo almx. id. pagador. id. aprovisionador.

Parece que no art. 95, "Do almx-pagador" o n. 13 comportava uma redacção differente, a fim de ficar integralmente de accordo com o que, sobre pequenos pagamentos, dispõe o art. 208, n. 4 (C. A.); outrossim cabia neste art. uma menção de que este funcionario é um dos tres claviculares do coíre, em que são guardados "os fundos e todos os documentos de valor", "sob a responsabilidade do conselho" (art. 208, n. I).

47. — Desde que recebemos a M. M. F., aggravou-se assustadoramente entre nós a irreflexão no emprego do participio presente. Claro que não é della a culpa, é só nossa. Chamo de irreflexão para fazer vista grossa sobre os casos especificos de preguiça ou de ignorancia, isto é, desconhecimento tanto do francez como do vernaculo.

Por exemplo, no art. 111, competencias do cmt. de cia., diz o n. 2: "Educar militarmente seus commandados inspirando-se na justiça...". Esta reflexão do verbo "inspirar" está defeituosamente empregada, pois tem um effeito restrictivo, que não é do pensamento a exprimir; falta uma palavra que indique, sem esforço,

que se trata duma exemplificação ou particularização, e não duma modalidade terminante, unica. Resolveria o caso a fórmula: "mórmente inspirando-se..."

Efeito e defeito analogos apresentam-se no n. 8: "Administrar a cia. providenciando..."; igualmente no n. 11: "Examinar frequentemente os animaes da cia... verificando..." etc. etc.

48. — No mesmo art. 111, o já referido n. 8 deveria ser desdobrado em dois. A sua segunda proposição é uma novidade que, já por isso, merecia destaque. Trata do adeantamento de recursos á cia. para aquisição de artigos de asseio individual para os recrutas, "para indemnização mediante modicos descontos mensaes".

49. — O n. 14, distribuição do pessoal e da cavallhada, tem a impressão digital do cavallariano collaborador, pois, por excepção traz uma indicação particular referente á precedencia dos pelotões no esquadrão. Este vestigio vem chamar a attenção sobre uma novidade deste R. I. S. G., qual a de haver supprimido neste Titulo II, "Das attribuições e deveres inherentes a cada posto e função", a separação por armas, adoptada na ed. de 1920: tratava esta primeiramente da infantaria e, depois, num numero consideravel de paginas e artigos trazia as disposições complementares para cada uma das outras armas. A' primeira vista a nova solução parece boa: resta verificar se não houve prejuizo. Quanto ás particularidades decorrentes da cavallhada, não havia difficuldade porque, de facto ella tambem existe na infantaria; mas no que entende com o materi-

al de artilharia, essa radical unificação não terá acarretado omissões sensiveis?

50. — Na sub-epigraphie "Das ordenanças e bagageiros", art. 126, subsiste a velha distincção subtil, irreal, a que pretendem essas duas designações. Não só porque o art. apenas define o que compete ao ordenança, e não faz o mesmo quanto ao bagageiro, como por toda a trama de seus dez numeros, vê-se que praticamente não ha differença entre ordenança e bagageiro. O facto dos quadros de effectivos prevêrem reduzido numero de ordenanças e não prevêrem bagageiros não justifica que se mantenha essa illusoria differença. As necessidades são as mesmas para os diversos officiaes. Dever-se-ia em toda a epigraphie supprimir o bagageiro e alterar radicalmente os ns. 1 e 2, por exemplo, naquelle substituindo "e os officiaes superiores e commandantes de companhias arregimentados, em serviço na tropa" por "os officiaes em serviço na tropa" e, assim, o n. 2: "Os officiaes arregimentados sem ordenança previsto no quadro de effectivos terão para o respectivo mistér uma praça de sua sub-unidade, sem prejuizo da função effectiva".

51. — Falta alguma coisa nas disposições anteriores para mostrar que não é só na Cia. que figuram ordenanças.

52. — O art. 127 está envolvido na sub-epigraphie precedente, entretanto nada tem que ver com ella. Falta-lhe a epigraphie "Observação geral" ou outra equivalente, a exprimir que o assumpto se refere a todo o Titulo.

(Continúa)

Notas á Margem de Exercicios Tacticos

(1a. SERIE)

Sobre o sentido tactico do terreno

PELO CAP. MARIO TRAVASSOS

Nomenclatura do modelado e dos accidentes planimetricos. — Certas particularidades sobre o emprego das regras de leitura de cartas. — Sythematisação de processos para se resumirem e interpretar trechos de carta. — Tudo calculado no valor tactico do terreno.

Á VENDA EXCLUSIVAMENTE NA

PAPELARIA VILLAS BOAS

Preço 6\$000 :- Pelo Correio 6\$500

RUA SETE DE SETEMBRO, N. 223 -- RIO

Questões do exame de admissão á E. E. M. em 1930

Subsidios para os candidatos á Escola de Estado Maior

N. da Red. — De accôrdo com a promessa feita em numeros anteriores, continuamos hoje a fornecer subsidios para os candidatos á matricula na Escola de Estado Maior. As questões que agora publicamos, e que foram propostas de accôrdo com as instrucções de 30 de Setembro de 1929, ainda não correspondem ao novo R. E. E. M. nem ao programma que estampamos em outro local.

Dentro em breve daremos uma solução da parte tactica e indicaremos as fontes para a redacção das outras partes.

THEMA TACTICO

Carta: S. PAULO — Folhas de JAHU' e BOA ESPERANÇA 1/100.000.

I — Situação Geral

A 1ª D. I., ala direita de um exercito Vermelho, deve transportar-se a 1º de Abril da região de JAHU' — Est. IGUATEMY — Est. CAMPOS SALLES sobre o Rio JACARE' PEPIRA por BOCAINA, tendo em vista occupar ulteriormente a região de Est. JAVA — Est. PONTE ALTA.

A missão da 1ª D. I. é retardar a progressão, para S. O., de forças Azues, assinaladas nos ultimos dias do mez de Março entre os Rios JACARE' GUASSU' e BOA ESPERANÇA e, se possível, detel-as sobre o Rio JACARE' PEPIRA.

II — Situação Particular.

Tendo sido informado o Gen. Cmt. da 1ª D. I. de que forças azues attingiram na tarde de 30 de Março o Rio BOA ESPERANÇA na região de BOA ESPERANÇA, bem como a Serra de DOURADO nas proximidades de Est. FERRAZ SALLES, elle decide cobrir a marcha a 1º de Abril:

a) — por uma Vanguarda constituída de... que deverá seguir o itinerario JAHU' — BOCAINA — Faz. da BARRA;

b) — por uma flancoguarda, comprehendendo:

1 Esq. C.

1 Btl. I.

1 Bia. de 75 de dorso, sob commando do Major Cmt. do Btl. I.

A missão desta Flancoguarda é transportar-se na manhã de 1º de Abril para as alturas a Leste de POUSO ALEGRE DE CIMA, com o fim de impedir ao inimigo o desembocar da estrada DOURADO — Faz. INDEPENDENCIA.

A Flancoguarda já deverá estar em posição nas elevações referidas no momento em que a testa da Vanguarda da 1ª D. I. attingir o Rib. da PRATA (BANANAL — PALMEIRAS). Ella seguirá o itinerario: estrada JAHU' — DOURADO por POUSO ALEGRE DE CIMA e Faz. INDEPENDENCIA.

A testa da Vanguarda desembocará ao N. do Rio JAHU' (sahida N. de JAHU') ás 6 h. 30 min. de 1º de Abril.

Trabalho a executar

1ª PARTE

(Tempo concedido: 2 ½ hs.)

1ª Questão: A que hora deverá o Grosso da Flancoguarda desembocar de JAHU' a 1º de Abril?

A que hora o Cmt. da Flancoguarda conta estar com o Grosso do seu destacamento sobre a posição fixada pelo General Cmt. da D. I.?

2ª Questão: Indicar (sem commentarios) a formação de marcha adoptada pelo Cmt. da Flancoguarda.

3ª Questão: Precisar (por escripto e sobre um calco) de que maneira — admittida a hypothese de que o inimigo não intervem durante a marcha, o Cmt. da Flancoguarda espera cumprir a sua missão (posição a occupar, dispositivo a tomar e disposições tomadas em consequencia).

2ª PARTE

(Tempo concedido: 1 hora)

Situação

Durante a marcha, os elementos de Cavalaria da Flancoguarda são detidos por fogos de fuzil na passagem do Rib. POUSO ALEGRE. As Fazendas BRANDÃO, CAMPANAL, e POUSO ALEGRE estão occupadas por elementos ligeiros inimigos (cavalleiros a pé).

Questão:

a) Em face desta situação, indicar quaes as disposições immediatamente tomadas pelo Cmt. do Esq.?

b) Em vista das disposições tomadas, os cavalleiros inimigos retiraram-se, mas o Grosso do Esq. não poud desembocar sobre as cristas a N. E. do Rib. O inimigo occupa o grupo de casas ao N. da palavra ALEGRE (POUSO ALEGRE DE CIMA) e a crista a S. E. até o caminho, incl. (orientado S. O. — N. E.) vindo de Faz. BOA VISTA.

Questão:

1ª — Quaes são as disposições tomadas pelo Cmt. do Esq.?

2ª — Qual é neste momento a situação dos elementos da Flancoguarda?

Dizer qual a hora approximada nesse momento.

3ª PARTE

(Tempo concedido: 2 ½ horas)

Situação:

No momento em que a Flancoguarda se encontra na situação precisada (pelo candidato) na questão anterior, ouve-se violenta fuzilaria e alguns tiros de canhão na direcção de BANANAL (3 kms. S. de BOCAINA). Os primeiros elementos da Vanguarda da 1ª D. I. estão, certo, engajados.

O Esq. da Flancoguarda confirma a occupação da região POUSO ALEGRE e da crista situada a S. E., onde elle esbarrou com uma cortina de fogos.

Um cavalleiro inimigo aprisionado diz que seu Esq. tinha por missão occupar POUSO ALEGRE. Um pel. deste Esq. estaria para o lado de Faz. BANANAL (4 kms. N. O. de POUSO ALEGRE). Uma Cia., I. pelo menos, estava na noite de 31 para 1º na Faz. INDEPENDENCIA. Na tarde de 30, elementos de I. (talvez um Btl.) se achavam na região de JACUTINGA.

O cavalleiro viu, no dia 30, I. com um pouco de A. em DOURADO.

Questão:

- a) Decisão tomada pelo Cmt. da Flancoguarda.
- b) Ordens dadas
- c) Ordens dadas em consequencia:
 - pelo Cmt. do Esq.;
 - pelo Cmt. do Batalhão;
 - pelo Cmt. da Bateria.

4ª PARTE

(Tempo concedido: 1 hora)

- a) De que se compõe o T. C. da Flancoguarda?

Como e onde marchará elle, suppondo-se que o inimigo não intervem antes da occupação da posição?

- b) Na tarde de 31 de Março os elementos da Flancoguarda receberam os viveres para 1º de Abril.

Como estão estes viveres?

Como as unidades (cavallaria, infantaria e artilharia) da Flancoguarda serão reabastecidas na tarde de 1º de Abril?

Suppõe-se que:

- 1º — a Flancoguarda está em posição;

2º — os grossos dos R. I. e R. A. que forneceram os elementos da Flancoguarda se acham estacionados na região Faz. RIACHUELO — Faz. MANDAGUAHY (7 kms. N. de JAHU). O R. C. D. está ao N. de BOCAINA.

3º — o reabastecimento das unidades da Divisão será assegurado normalmente pelo jogo dos T. E. (cujas secções cheias estavam na tarde de 31 agrupadas na sahida E. de JAHU) a partir de 8 horas de 1º de Abril.

SESSÃO DE GEOGRAPHIA

(Duração — 3 horas)

Vias de comunicação do Brasil.

SESSÃO DE TOPOGRAPHIA

(Duração — 3 horas)

Fazer sob o ponto de vista das operações a realizar pelo Destacamento do thema estudado, a descripção topographica do terreno limitado:

ao Sul pela linha: JAHU — BARREIRO;
ao Norte pelo Rio JACARE' PEPIRA;

a Oeste pela linha: JAHU — Rib. da BOA VISTA.

SESSÃO de LEGISLAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO MILITAR

(Duração — 3 horas)

1ª Questão: Divisão militar do territorio nacional sob o ponto de vista da incorporação e sua justificação;

2ª Questão: Organização do Estado Maior do Exercito.

SESSÃO DE FRANCEZ

(Duração 1 hora)

Dizer summariamente em francez, qual o systema orographico brasileiro; e os principaes artigos que constituem o commercio de exportação do Brasil.

SESSÃO DE HISTORIA

(Duração — 4 horas)

Apreciação succinta sobre a Guerra do Paraguay; suas causas e consequencias.

A nova LEI DO ENSINO apenas iniciou a reforma constructora que ha longos annos o Exercito necessita e ambiciona.

Para completar os fundamentos sobre os quaes se erija com firmeza e segurança a DEFESA NACIONAL, dois complementos são imprescindiveis:

- organização pratica dos estados maiores;
- nova lei e novos processos de promoções.

M A L A C O M B A T E R

Por varias vezes nos tem sido assignalado o facto de certo numero de officiaes, e principalmente os mais jovens da classe, encherem as academias civis em busca de titulos scientificos ou de conhecimentos que os habilitem a outras profissões.

Diz-se mesmo que mal deixam os bancos do Realengo, os noveis officiaes, em decisão immediata, que indica premeditação, se transferem para os amphitheatros das academias civis sem a menor perda de tempo.

Esse phenomeno tem tido tal repercussão que, segundo nos consta, despertou nos annos anteriores a attenção dos Srs. Ministro da Guerra e Commandante da Escola Militar.

Aos espiritos desprevenidos pôde, á primeira vista, haver ahi indicio salutar, graças á louvavel aspiração de accrescer os conhecimentos pessoaes.

Mas para quem attentar nas causas e effeitos de phenomenos, ressaltará justamente uma significação opposta. Antes de ser um bem, tal afação por novos estudos constitue um mal de natureza grave para o Exercito.

Em primeiro lugar, elle deixa perceber ausencia de ardor e de fé dos officiaes neophytos na profissão que escolheram. E essa descrença é mais lastimavel quando se verifica que ella não provém dos dissabores e vicissitudes provadas em tirocinio longo e, ao contrario, parece filha do desamor ou do pouco apreço que os ingressantes revelam pela instituição armada. Pouco se lhes dá o que esta é ou venha ser, contanto que lhes sirva de vehiculo economico — **em carona** — para attingir objectivos mais commodos e proprias mais rendozas.

O numero dos desviados não é grande, nem constitue maioria felizmente. Ainda é consideravel a massa dos jovens tenentes e aspirantes que traspõem os humbraes dos quartéis cheios de fé e de ardor, como verdadeira seiva renovadora do organismo; porém, para que o exemplo mau não fructifique urge combatel-o, chamando ao bom caminho os transviados.

Allega-se, muitas vezes, que dessa pratica não poderá haver mal desde que o official satisfaça as suas obrigações militares. E' o que não comprehendemos nem acceitamos. A nossa profissão, qualquer que seja a esphera de encargos — nos quartéis ou nos estados maiores — exige, para ser bem cumprida, uma **dedicação inteira** ao serviço e impõe um exclusivismo absoluto a qualquer actividade não militar. Como admittir um capitão que deve viver para a sua companhia, bateria ou esquadrão, e cujas vinte e quatro horas mal chegam para a sua tarefa de administrador e de instructor, possa ainda ser medico ou advogado? Que o tenente, cujas horas de lazer são escassas para a instrução e para o aperfeiçoamento profissional, tenha tempo para frequentar academias ou para empenhar-se em estudos profundos e absorventes de medicina ou engenharia?

Que um alumno de escola ou official de estado maior, onde os problemas militares, por não terem solução definitiva, impõem ao espirito uma gymnastica ininterrupta, tenha tempo para as mesmas occupações extranhas?

Sinceramente, não comprehendemos como se poderá "chupar canna e assoviar" simultaneamente.

Alguem tem que soffrer e é preciso que não seja a esphera de attribuições militares.

* * *

O remedio está na Escola Militar, nos corpos e repartições. E é therapeutica coezinha.

A' Escola Militar cabe crear e despertar, nos jovens officiaes, pelo trabalho, pelo exemplo e pela pregação, o sentimento da responsabilidade e a dedicação inteira ao Exercito. Os edificantes esforços desenvolvidos pelos chefes e instructores, principalmente nos ultimos tempos, no sentido da emulação e do interesse pelas cousas da profissão, ainda não produziram todos os resultados desejados. Ha, talvez, alguma cousa por fazer e continuar para que os aspirantes tragam de lá essa "chamua de entusiasmo", o "panache" inseparavel dos serviços tocados pela fé nos destinos da sua profissão.

Nos corpos e repartições ha que continuar o esforço da Escola. Trabalho, exemplo, pregação. Mas acima de tudo ahi ha lugar para novo medicamento — o estimulo. O desinteresse no trabalho dos verdadeiros soldados tem o seu limite ou deve ser bem comprehendido.

Quem quer que trabalhe rejubila-se com os fructos da seara laborada. Não vae nisso ambição, desregrada, mas um sentimento humano e mesmo louvavel de aperfeiçoamento da propria condição. E os fructos desses esforços só podem sazonar graças ao julgamento inflexivel dos chefes e ao reconhecimento publico do **bom ou mau trabalhador**. A "separação do joio do trigo" constitue a verdadeira mola do estimulo.

Desde que os jovens officiaes sejam attrahidos pela ambição legitima de ver os seus esforços reconhecidos e recompensados; desde que suas responsabilidades sejam bem definidas e apuradas, não se sentirão com coragem, como não lhes sobrá tempo, para entregar-se a outras actividades.

Vem a pelo lembrar palavras do General Tanant no livro *Officier de France* (ed. de La Renaissance du livre):

Tendes a escolher entre duas soluções: ou encarareis a profissão militar como um negocio em que tereis pouco lucro e em que dispendereis somente o trabalho proporcional á remuneração recebida. Sereis, então, funcçionario do Estado, assalariados de pequeno rendimento; em vosso intimo, vos julgareis lastimaveis; e para os vossos soldados sereis meros comitres.

Ou, então, considerareis a carreira militar como um apostolado e um sacerdocio. Não pesareis nem o soldo nem as horas de trabalho. Estareis sempre na brecha e a vossa dedicação será completa. Sereis para a Patria dos melhores entre os mais devotados servidores; tereis em paz a consciencia; sereis para os soldados seus educadores, seus chefes e exemplos.

Escolhei! no primeiro caso, a profissão militar é abjecta e vil. E' mister de indolentes e de inconscientes. No segundo caso, ella é a mais bella das carreiras, aquella em que dominam a abnegação, o devotamento, a honra... e a fé!"

A D E F E N S I V A

Pelo Ten. Cel. H. PANCHAUD

Director de Estudos da E. A. O.

Nota da redacção — Iniciamos hoje a publicação do estudo sobre a A DEFENSIVA que o Sr. Ten. Cel. Panchaud desenvolveu na Escola Militar, no anno de 1928, quando "Director do Ensino Tactico" daquelle estabelecimento militar.

E' um trabalho eminentemente didactico para tornar comprehensivel aos alumnos do 3º anno de todas as armas, na aula de Tactica Geral, a theoria e a pratica da defensiva, o que justfica, como diz o proprio autor, a fórma propositadamente shematica de alguns dos seus pontos. Nelle se encontra tambem o objectivo de expôr aos referidos alumnos a concepção, o preparo e a execução do combate defensivo com o desenvolvimento methodico do raciocinio, decisão e ordens de um Cmt. de Dest. e dos seus subordinados Cmts. dos elementos de infantaria, cavallaria e artilharia, inclusive dos das pequenas unidades.

Esse estudo, feito primeiramente em sala pelo Sr. Ten. Cel. Panchaud, auxiliado pelo Sr. Maj. Alvaro Fiuza de Castro, então Cap. adjuncto do ensino tactico, foi em seguida, tambem sob a sua direcção, executado no terreno, no ambito das pequenas unidades, pelos officiaes instructores e alumnos da Escola Militar.

E', pois, com prazer, que o offerecemos aos nossos camaradas de todas as escolas e da tropa.

I — A defesa consiste na manutenção de posse de certa parte de terreno, a qual se decidiu conservar para ahi quebrar, pelo fogo, toda tentativa de avanço do adversario.

Póde-se tomar attitude defensiva, quer preventivamente — é a batalha francamente defensiva, que induz á organização de uma, ou varias, posições de resistencia —, quer temporariamente, no decurso de um combate offensivo. No segundo caso, a attitude defensiva se reduz á manutenção da linha alcançada pelo escalão de fogo, que estabelece rapidamente uma cortina de fogo, continua, o mais densa que fôr possível, e a organização, na rectaguarda, pelas reservas e pelos elementos da base do fogo, de uma outra linha destinada: — a recolher o escalão de fogo caso venha a ser repellido e a aparar qualquer contra-ataque inimigo.

A offensiva é reiniciada logo que as circunstancias permittam.

II — No primeiro caso, — combate francamente defensivo — a operação se caracteriza pela organização de uma ou varias posições, chamadas "Posição de resistencia" e cujo valor reside na existencia de uma rede completa e profunda de fogos poderosos, na frente e no proprio interior da posição occupada, em estreita combinação com uma organização do terreno, tão desenvolvida quanto fôr possível.

Cada "Posição de Resistance" organizada comprehende, sempre:

Uma linha principal de resistencia; eventualmente:

Uma linha de apoio; sempre:

Uma linha de deter.

Na frente, é coberta por uma posição de postos avançados (P. A.), que comprehende: sempre:

Uma linha de vigilancia (Pequenos postos — Sentinellas-Patruilhas); eventualmente:

Uma linha de combate, constituida por pontos de apoio proximos uns dos outros, capazes de fornecer uma barragem continua de fogos, ou por pontos de apoio isolados, capazes de deter temporariamente o inimigo ou, ao menos, de canalisar seus ataques.

Repousa a força da defesa, principalmente, no emprego do fogo; eventualmente e si as circunstancias permittirem, na acção das reservas, executando contra-ataques.

III — O FOGO NA DEFENSIVA — A palavra defesa desperta immediatamente, no subconsciente de todo militar, as tres idéas seguintes:

Barragem de fogo

Immobilidade relativa

Systema organizado preventivamente

a) *Barragem de fogo* — A concepção de uma barragem de fogo implica, forçosamente, na continuidade das partes do terreno, previamente determinado, batido e razado por uma densidade sufficiente de projectis, que é obtida por tiros rapidos e concentrados.

b) *Immobilidade* — A immobilidade, indispensavel ao artilheiro, permite, quando empregada pelo infante, o desenvolvimento maximo da potencia de suas armas de fogo.

Ficar immovel, quer dizer invencivel, o que indica, na defensiva, o signal da victoria.

c) *Organização preventiva* — O arranjo preventivo do systema defensivo dá um acrescimo de forças, pois permittte organizar os fogos, combinando-os previamente e evitando, assim, os perigos das falhas decorrentes da improvisação.

Dahi resulta que, na concepção, na preparação e na conducta do combate defensivo, tudo deve ser subordinado á optima realização da maior potencia e da efficacia dos fogos.

A escolha da posição, o preparo do terreno, o dispositivo das tropas, são resultantes do "plano de fogo".

IV — O PLANO DE FOGO NA DEFENSIVA — O fim do combate defensivo resume-se em bater o inimigo, impedindo-o de avançar.

O fogo constitui o recurso essencial do defensor contra o assaltante. O objectivo essencial da defesa é crear uma rede continua, completa e profunda de fogos poderosos, em cujas malhas será detido o inimigo, mais cedo ou mais tarde, ainda que consiga quebral-a em alguns pontos.

Donde, o plano de fogo comporta, na posição de resistencia:

a) a organização, na frente da linha principal de resistencia, de uma barragem de fogo, o mais densa e profunda que fôr possível, obtida pela concentração do fogo da maioria dos meios da defesa, tanto de infantaria, como de artilharia. E' a *barragem principal*, rigorosamente continua.

b) a criação de *barragens secundarias*, no interior da posição, estabelecidas na frente das linhas transversaes que o terreno offerecer e que permitem fechar pelo fogo (enjaular) compartimentos de terreno, limitando por esse modo qualquer avanço eventual do inimigo.

c) a constituição, á retaguarda da posição e á frente da linha de deter, de uma ultima barragem, *barragem de deter*, estabelecida com a maior continuidade possível.

Na posição dos P. A., o plano de fogo também comporta:

a) a organização de uma barragem de fogos de infantaria e de artilharia, tão densa quanto possível, muitas vezes continua, quando a posição dos P. A. fôr constituída por P. P. juntos; outras vezes descontinua quando a posição dos P. A. é constituída por P. P. isolados.

b) mais longe ainda, na frente da linha de vigilancia dos P. A., tiros de deter desencadeados por meio de concentrações previstas e organizadas.

Emfim, na frente ou no interior do dispositivo inimigo: fogos de inquietação, de contra-preparação, de contra-bateria, desencadeados principalmente pela artilharia e, si possível, pelas metralhadoras dos P. A.

Taes são as diversas barragens que o "plano de fogo" deve comportar. Mas, desde que se trate de resolver um caso concreto e de realizar esse "plano de fogo" em um determinado terreno, a primeira e mais importante das questões a solucionar é a que dá a localização dos fogos, isto é, a determinação da faixa de terreno em que devem cair os tiros e até onde devem estender-se as barragens.

A localização dos fogos (determinação das partes batidas) constitue a propria essência do plano de fogo e da qual se origina todo o restante.

Compete ao Commando fixal-o em suas ordens com sufficiente precisão. Na defensiva, localizar as zonas de barragem é, para o chefe, exprimir sua idéa de manobra.

Logo que os fogos tenham sido adaptados, do melhor modo possível, ao terreno, cumpre decidir quando e como serão executados. Torna-se necessario pois que o chefe regule o modo de desencadeamento dos differentes tiros e seus regimes, principalmente no que concerne á bar-

regem principal. E' necessario, entretanto, notar que esses tiros, em geral, se executam no meio da fumaça e, muitas vezes, á noite, ou com nevoeiro; em consequencia, só produzirão effeito efficaz quando o seu desencadeamento fôr automaticamente organizado.

Finalmente, é preciso detalhar a execução, isto é, regular o dispositivo das tropas para o tiro. E' evidente que o effectivo de infantaria a localizar, em uma certa zona, e o numero de Bias. que deverão atirar, nesta mesma zona, dependem essencialmente da densidade de fogos que o chefe quer obter na barragem principal. Do mesmo modo, os limites de quarteirões dos Btls. I. serão função dos compartimentos do terreno e a densidade de fogos que deseja obter em cada um destes compartimentos. Por ultimo, é necessario que os fogos sejam escalonados em profundidade e permitam, de um lado, as barragens no interior da posição e, por outro lado, os tiros na linha de deter.

E' portanto, condição essencial o *dispositivo resultar do plano de fogo e não o inverso*. Donde, constitue falta grave e injustificavel repartir a priori as unidades no terreno e só, após, executar a organização de seus fogos. E' necessario, ao contrario, primeiramente determinar a quantidade de fogos que se deseja obter na frente, no interior e á retaguarda da posição a defender, as zonas do terreno onde deverão ser empregados estes fogos, para então deduzir a localização dos effectivos disponiveis, ou melhor o dispositivo.

V — REFORÇO DOS FOGOS — Estabelecido o plano de fogo, tendo o chefe determinado onde deve atirar, quando atirárá e quem atirárá, torna-se ainda preciso aproveitar o maximo rendimento possível destes fogos. Este reforço dos fogos se obtém por dois processos:

— o flanqueamento

— as concentrações

a) — *Flanqueamento* — Todos já sabem o que é o flanqueamento e como melhora o rendimento e a potencia dos fogos, desde que possa ser empregado.

E' sempre muito facil traçar, em um esboço ou carta, uma flecha, estheticamente disposta, que indique um flanqueamento previsto. Infelizmente, na pratica, sobre o terreno, as cousas se passam de outra maneira e muitas vezes torna-se bastante difficil realizar o flanqueamento.

Naturalmente, é necessario executal-o, sempre que fôr possível; porém, quando o terreno não permite, devem empregar-se todos os recursos para se obter uma continuidade de fogos, combinando os seguintes processos:

— cruzamento dos sectores de fogos em largura;

— emprego das acções de flanco, escarpa e enfiada;

b) — *Concentração de fogos* — E' logico que o defensor utilise, para um determinado resultado, o maximo de fogos disponiveis ou mesmo, si possível, a totalidade. O systema de fogos e o dispositivo resultante devem, portanto, ser concebidos e realizados no terreno de forma a permitir, em qualquer momento, a concentração dos fogos da maioria das armas automaticas de

pondaria estavel (mtrs.), susceptiveis de agir no mesmo compartimento de terreno.

Donde, convem organizar as concentrações pela convergencia das balas provenientes das mtrs. susceptiveis de atirar em uma zona escolhida, quaesquer que sejam suas posições no dispositivo.

Toda a arma automatica recebe: uma *missão principal*, correspondente á sua acção na realização da barragem principal, na frente da posição; e *missões eventuaes*, correspondentes a concentrações previstas, quer na frente, quer no interior da posição. Para a execução dessas missões (principal e eventual), torna-se logico concluir que uma mesma arma automatica deverá preparar e organizar uma ou varias posições de tiro, proximas umas das outras, e que satisfaçam estas diferentes missões.

A vantagem das concentrações é fornecer fogos mais nutridos e principalmente assegurar a execução de fogos, em um mesmo ponto, não por uma só arma que pode ser destruida ou neutralizada, mas por varias armas dispersadas no terreno, de fórma que não possam ser postas todas fóra de combate ao mesmo tempo.

VI — REFORÇO DA DEFESA — O reforço da defesa póde ser obtido:

a) — *Por effeito da surpresa* — A surpresa não é, effectivamente, apanagio exclusivo da offensiva. Revelando, sómente, no ultimo momento a existencia de seus órgãos de fogo, escolhendo a zona de barragem principal de fórma a desencadear tiros sómente quando o inimigo se engaja na zona de barragem, o defensor póde beneficiar-se pela surpresa. Exemplo: o ataque allemão de 15 de Julho de 1918 na frente do IV Exército Francez.

b) — *Pela utilização e a criação de obstaculos* — Todos conhecem os obstaculos do campo de batalha e o mais commum e o mais efficaç, dentre elles, é a rede de arame; mas é preciso não esquecer que um obstaculo perde todo o seu valor quando não é batido pelos fogos da defesa. E' aqui o momento de nos lembrarmos que uma rede de arame precisa satisfazer a determinadas condições. Na frente de uma posição, não deve ser estabelecida ao azar e sim em uma direcção tal que suas diferentes partes sejam efficaçmente batidas pelos fogos da defesa. Em consequencia, essas diferentes partes devem ser parallelas ás direcções de tiro das armas da defesa, e não parallelas á linha de trincheiras.

c) — *Pela completa adaptação dos fogos ao terreno* — Todos os chefes, e principalmente os de infantaria, devem saber que um plano de fogo não se verifica em um esboço, mas constataando-se no terreno, para cada arma, successivamente, suas possibilidades effectivas de tiro. Com relação aos fogos de infantaria, o terreno é sempre quem commanda e nada se póde, em detalhe, prescrever sem prévia verificação das possibilidades, no proprio terreno.

d) — *Pela utilização do terreno e sua organização* — Parece inutil desenvolver esta prescrição. Todos sabem que a utilização do terreno e a organização de trincheiras e abrigos, asseguram a protecção dos órgãos de fogo. Mas, para que esta protecção seja sufficiente, torna-se necessario que todos os órgãos de fogo sejam

enterrados, potegidos em seus flancos e cobertos (para-dorso) á sua retaguarda. E' tambem necessario que os desaterros effectuados sejam tão invisiveis, quanto possivel, porque é melhor localizar uma mtr. em campo raso, em uma escavação de projectil, onde haja possibilidade de se cobrir e disfarçar, do que localizada em uma organização visivel, onde poderá ser rapidamente destruida. A invisibilidade de um órgão de fogo é a melhor protecção que se lhe póde dar e, por isso, convem separar-o tanto quanto possivel das trincheiras que são, geralmente, difficeis de disfarçar.

A organização do terreno deve, em consequencia, succeder á collocação em posição dos órgãos de fogo e, não, precedel-a.

Impõe-se escolher, com cuidado, a localização de cada arma, no terreno, de fórma que possa cumprir sua missão na barragem de fogos e, em seguida, executar as obras para sua organização.

e) *Pelo emprego das reservas* — Quasquer que sejam as precauções tomadas, a potencia dos fogos organizados, o valor da organização do terreno, acontecerá muitas vezes que o systema defensivo estabelecido se desagregará progressivamente sob a acção dos fogos do adversario.

Donde surge a necessidade de utilizar as reservas para alentar o combate e manter a capacidade e a potencia de fogo do dispositivo defensivo adoptado.

Para tal fim deverá ser empregada uma parte importante das unidades em reserva, e as grandes batalhas defensivas da guerra 1914-1918, principalmente a penosa luta de Verdun, vem accrescentar e corroborar esta opinião.

Mas isso acontece sómente quando se trata de resistir a um inimigo dispondo de meios em pessoal e material muito superiores áquelles do defensor.

Em geral e contra um inimigo pouco superior as unidades de reserva são empregadas para executar os contra-ataques:

quer immediatos, executados por fracções de reserva das unidades da primeira linha (pelotões - companhias) e desencadeados automaticamente, antes que o inimigo tenha tempo de se aferrar ao terreno;

quer preparados, executados pelas tropas em reserva (campanhias, batalhões), desencadeados sob as ordens do commando, preparados e apoiados pelos fogos da infantaria e da artilharia.

VII — CONCLUSÃO — Eis ahi, rapidamente resumidos, os principaes preceitos que devem ser conhecidos, antes de iniciar o estudo da organização de uma posição defensiva. Os actuaes regulamentos são ainda muito vagos sobre estes pontos: — fixam a denominação das diversas posições, falam em pontos de apoio e centros de resistencia, insistem quanto á importancia defensiva dos fogos, mas não indicam um processo pratico para a realização da potencia do fogo.

O processo pratico, que acabamos de examinar, é inteiramente baseado na determinação no terreno de barragens de fogos successivas, em sua densidade, no dispositivo das unidades en-

carregadas de effectual-as, na regulação preventiva do seu desencadeamento.

Procuraremos esclarecer e simplificar a compreensão destes dados theoricos com o caso concreto que, em seguida, estudaremos.

* * *

THEMA (*)

Carta da Villa Militar - 1|20.000

SITUAÇÃO GERAL — Um forte Dest. vermelho (cerca de uma D. I.), que procurava se oppor ao avanço de elementos do Exército azul para a Capital, foi batido, cortado da Capital e forçado a se retirar para O. Sob a pressão do inimigo, os vermelhos dirigem-se para a região: Santa Cruz-Pedra-Sepetiba, onde esperam se reconstituir, recebendo reforços, munição e material, por via marítima. Para isso, cobrem a zona de estacionamento com Dest. de C. apoiados por I. montada, os quaes são encarregados de barrar o desfiladeiro entre as serras de Gericinó e do Barata, na altura da Campo Grande.

Um Dest. azul, de persiguição, sob as ordens do Gen. Cmt. da 1ª Bda. I. e com a seguinte composição:

- 1º R. C. D. (menos 1 Esq.)
- 1º G. B. C. (10º, 11º e 12º B. C.)
- 1º R. I.
- 1º R. A. M.
- 1º G. A. Mth.
- I 1º R. A. P. (155 c.)
- 1 Cia. Sap. Min. | 1º B. E.

consegue desembocar na região de Anchieta e repellir o inimigo do massivo arborizado que se estende entre Anchieta e Realengo. Este Dest. se acha a varias jornadas na frente do grosso das tropas azues, retardado em seu avanço.

O Gen. Cmt. da 1ª Bda. I. recebe ordem para se estabelecer em uma posição defensiva, afim de permittir o desembocar ulterior do grosso das forças azues, em direcção de Bangú-Campo Grande-Santa Cruz.

SITUAÇÃO PARTICULAR — Em seu avanço, a Vg. do Dest. de perseguição repelliu facilmente os elementos de C. inimiga, encarregados de retardal-a, e no dia 31 de Julho mantém com sua propria C. as orlas O. e S. de Villa Nova e orlas O. de Realengo, em contacto com a C. inimiga que ainda conserva a posse da linha: Capão Redondo-Col. da Torre-Mº S. Bento-orlas E. de Bangú.

* * *

ACÇÃO DO GEN. CMT. DO DEST.

Na tarde deste mesmo dia, o Gen. Cmt. do Dest. transmitta a seguinte ordem:

1º D. I.
Dest...
Nº...

Anchieta, 31 (trinta e um) de Julho ás 13 (treze) horas.

Ordem particular nº 1
(Ao Cmt. da Vg.)

(*) Em virtude das difficuldades de impressão, reduzimos o numero dos calcos que acompanham este trabalho, encontrando os nossos leitores, em consequência, num mesmo calco, situações correspondentes a varias ordens.

I — O inimigo ainda mantem, com sua C., as alturas a O. do Campo de Gericinó.

II — O Dest., sob meu commando, recebeu ordem para cessar a persiguição e se estabelecer defensivamente.

III — E' indispensavel, para o estabelecimento desta posição, que o Campo de Gericinó se ache inteiramente em nosso poder e que nossa vigilância se estenda até as suas saídas N. O. (Cemiterio-Heron).

III — Em consequencia, o Cmt. da Vg., dispondo dos: 1º R. C. D. (2 Esq. e Pel. Mtr. L.) e do 12º B. C., atacará e repellirá o inimigo sufficientemente para O., afim de que os P. A. do Dest. possam ser estabelecidos, esta tarde, na linha geral Col. do Trem-Capão Redondo-Col. da Torre-Villa Nova-Realengo.

V — P. C. do Cmt. do Dest. em Anchieta (Intend.)

P. C. do Cmt. da Vg. no Mº do Periquito.
a) Gen. X....
Cmt. do Dest.

Estabelecida esta ordem, preparatoria para a installação do Dest., de accordo com a nova missão que lhe foi affecta, vejamos como raciocina o seu Cmt. para a fixação de suas decisões e confecção da ordem geral.

DISCUSSÃO

I — **SITUAÇÃO** — A situação é simples. O inimigo retira-se e um Dest. de todas as armas, encarregado de perseguil-o, consegue cortal-o da Capital e repellil-o para O. Em seu avanço, o Dest. adianta-se varios dias á frente do grosso a que pertence; o Cmt. desse grosso, retardado em avanço, pelas difficuldades do terreno, quer assegurar a possibilidade de desembocar a O. de Anchieta, afim de poder, segundo as circumstancias, quer se engajar em persiguição do inimigo nos desfiladeiros entre Bangú e Santa Cruz, quer para se oppor a um retorno offensivo do adversario, cortando-o da Capital na linha Anchieta-Deodoro.

Em consequencia, transmitta ao Cmt. do Dest. ordem para se estabelecer em uma posição defensiva que assegure a posse dessas saídas, tornando assim possivel sua manobra ulterior.

II — **MISSÃO** — Estabelecer-se na região a S. O. de Anchieta, afim de permittir o desembocar ulterior do grosso e, em consequencia, se oppor a quaesquer ataques inimigos, mantendo a posse do terreno até a chegada deste grosso.

Donde é necessario escolher uma posição de defesa a S. O. de Anchieta e á distancia sufficiente desta localidade, para que o grosso disponha de bastante espaço para sua manobra; em seguida, torna-se preciso organizar e manter esta posição.

III — **TERRENO** — A região que se estende entre Anchieta e as saídas O. de Bangú apresenta-se nitidamente dividida em duas zonas: uma, fortemente ondulada e coberta de macega, immediatamente a S. O. de Anchieta; outra, mais plana, menos arborizada e ainda bastante cortada, ao N. de Realengo-Bangú. O limite entre estas duas zonas é fixado pela linha: orla N. E. do Campo de Gericinó-alturas do

Engº Novo-Monte Alegre-Mº do Jacques-alturas arborizadas a S. E. de Villa Militar.

Estas duas zonas offerecem uma serie de posições nas quaes é possível installar o Dest.. Estas posições são:

a) *Bananal - Nascimento - Ricardo de Albuquerque* — Tem o inconveniente de se achar muito proxima de Anchieta e não dar ao grosso o espaço necessario para desembocar e manobrar.

b) *Faz. do Bananal - Mº da Boa Vista - Dendê - Invernada - Capim* — Si bem que ainda proxima de Anchieta, offerece a vantagem de fornecer vistas sufficientes e campo de tiro satisfactorio, principalmente na região de Boa Vista, por um lado, e Invernada-Capim, por outro lado; ainda mais, as organizações, que deverão ser construidas, serão ahí pouco visiveis dos observatorios inimigos. Entretanto, apresenta o inconveniente de fornecer pouco campo visual para as sahidas E. de Bangú e, sobretudo, caso o inimigo retorne á offensiva, lhe permittirá tomar pé na região arborizada, forçando assim o grosso a engajar penosos combates para limpar o terreno, antes de avançar sobre Santa Cruz.

c) *Mº do Engº Novo - Periquito - Faz. Engº Novo - Monte Alegre* — E' uma boa posição. Offerece excellentes observatorios para os provaveis locais de sahida do inimigo. Permite um campo de tiro sufficiente, na parte S.; porém, um pouco estreito na parte N.. As organizações a construir poderão ser facilmente disfarçadas, o que se torna indispensavel porque toda a posição é vista e dominada pelos observatorios do Mº do Retiro.

d) *Orlas N. E. do Campo de Instrucção - Cota 30 (O. de Faz. Engº Novo) - Cota 60 - Caixa d'Agua - Alturas S. de Villa Militar* — Esta posição tem a vantagem de offerecer, em sua generalidade, campos de tiro mais do que sufficientes; acha-se á orla da zona arborizada e, portanto, interdita ao inimigo a sua posse. Fornece excellentes observatorios, quer avançados, nas alturas de Faz. Engº Novo — Cota 60 — Caixa d'Agua, quer á retaguarda, nas alturas de Periquito - Monte Alegre - Col. Longa. Offerece amplitude sufficiente para permittir uma boa installação em profundidade das unidades em primeiro escalão; apoia-se em uma linha de alturas, onde as armas automaticas estaveis podem encontrar posições que lhes facultem as acções á distancia.

Entretanto, apresenta o inconveniente de ser muito visivel dos observatorios inimigos.

e) *Col. do Trem — Capão Redondo — Col. da Torre - Cota 40 (Mangueira) - Villa Nova - Alturas a E. de Realengo* — Posição formada de pontos de apoio distantes uns dos outros e sem profundidade; apenas offerece vistas approximadas, sem observatorios com vistas á distancia. Terreno descoberto á retaguarda, no qual todo o movimento poderá ser visto e irrealizavel, caso o inimigo venha a se installar nas sahidas E. da Serra de Gericinó. Ligações difficeis e, finalmente, frente muito grande (cerca de 9 kms.).

Si o inimigo não atacar, nada se alterará; mas, se elle atacar?

Conclusão — O Cmt. do Dest. tem, para escolher, cinco posições. Por qual vae decidir-se?

IV — INIMIGO — O inimigo foi batido; suas forças (cerca de uma D. I.) se retiram, mas não derrotadas, pois sua C. mantem o contacto e constantemente se oppõe ao avanço de nossa Vg.. Presentemente, o contacto ainda é mantido na frente. Cota 60 (O. de Col. da Torre) — Mº de S. Bento - Bangú; fortes elementos ainda são mantidos nas alturas de Campo Grande e a sua retirada para Santa Cruz visa receber reforços de toda a natureza.

Póde-se, portanto, concluir que elle tem intenção de retomar a offensiva, desde que seus recursos o permittam. Por outro lado, o grosso das forças azues só poderá chegar após varios dias; donde, torna-se possível, e mesmo provavel, que o Dest.. tenha que se bater isoladamente contra o adversario, provavelmente superior em numero.

De onde poderá vir o ataque adverso?

E' evidente que a direcção normal é a Estr. Real de Santa Cruz e as sahidas N. O. de Bangú. E' contra esta direcção que, principalmente, se torna necessario installar a defesa.

Mas o inimigo poderá tambem se dirigir pelo N. da Serra do Quitungo e surgir na região Mº do Retiro-Col. do Cemiterio.

Finalmente, poderá ainda se infiltrar ao S. de Bangú e de Realengo, utilizando as passagens N. de Serra do Barata e progredir na direcção Realengo-Portugal Pequeno.

Estas são as tres direcções perigosas, contra as quaes o Cmt. do Dest. deverá se premunir; sendo, ainda, a ultima menos provavel que as duas outras.

Conclusão — A maior parte dos recursos do Dest. deverá ser empregada frente a S. O. e frente a O.; a direcção do S. poderá ser mantida com fracos recursos.

V — RECURSOS — O Cmt. do Dest. dispõe de:

- 1 G. B. B. (3 B. C.)
- 1 R. I.
- 4 G. de 75
- 1 G. de 155 c.
- 3 Esq. e 1 Pel. Mtr. L. de C.
- 1 Cia. Sap. Min.

a) Deverá constituir uma forte reserva?

Não, o combate a manter apenas durará alguns dias; pois, no fim deste tempo, será apoiado. Donde, é preciso dar á posição a maxima potencia de fogo.

Dispondo o Cmt. do Dest. de 6 Btls., apenas deverá conservar um para os imprevistos; além disso, toda a A. se installará em posição de tiro.

b) Deverá empregar sua C. para a manutenção da frente?

Em principio, não; a C. terá por missão a conservação dos contactos, na frente da posição, com a C. inimiga e ainda a cobertura dos flancos. Em seguida, desde que seja engajado o combate, a C. se deverá reunir e constituir uma reserva disponivel, para ser empregada de accordo com as circunstancias.

- c) Restam 5 Btls. I. para a occupação e manutenção do terreno. E estes 5 Btls. deverão:
- occupar a linha principal de resistencia e crear uma barragem de fogos poderosa e continua na frente da mesma linha;
 - fornecer e manter os P. A.;
 - occupar uma linha de deter, á retaguarda da linha principal;
 - eventualmente, occupar uma linha de apoio.

Sendo dado estes recursos, a frente da posição não deverá exceder de 7 kms. (no maximo, 1.500 ms. por Btl.) e ainda, tendo-se em conta que a resistencia a oppor terá duração limitada, o commando poderá apenas organizar:

- uma linha de resistencia
- uma linha de deter

e, no que concerne ao conjunto da posição de P. A., não organizá-la continua, mas sim constituída por nucleos de fogos encarregados de deter momentaneamente o inimigo e deslocar seu ataque.

VI — CONCLUSÃO — O raciocinio acima conduz o Cmt. do Dest. a fixar suas decisões, isto é:

- estabelecer uma linha principal de resistencia na orla do massiço arborizado á S. O. de Anchieta, que dará ao grosso o espaço necessario para desembocar (execução da missão e barragem de fogos sufficiente);
- supprimir a linha de apoio;
- estabelecer sua linha de deter nas alturas immediatamente á retaguarda (bons observatorios)
- localizar, em posição, toda sua A. e quasi totalidade de sua I. (5 Btls. dos 6 disponiveis);
- prever barragens interiores que permitam fazer frente á O. e mesmo a N. O., direcções mais provaveis de ataque;
- localizar o maximo de seus recursos, frente a estas direcções e admittir o retrahimento eventual de sua esquerda, caso seja fortemente atacada, o que parece pouco provavel;
- renunciar aos P. A. uma linha continua.

São estas as conclusões, que constituem o *fundo* das ordens consequentes.

Antes, porém, vejamos qual a *forma* a que devem ser adaptadas estas ordens.

VII — A FORMA

Em uma situação defensiva, o commando tem muito em que pensar e dizer.

E' preciso que elle fixe não só as linhas de resistencia, as reservas e os P. A., como ainda, e principalmente, as zonas de terreno onde quer que os fogos da defesa detenham o inimigo; esta ultima é condição primordial e indispensavel na defensiva. E' pela concretização, no terreno, das zonas batidas pelo fogo, que o commando esclarece aos executantes sua idéa de manobra, sua vontade e os guia na execução de suas respectivas missões.

Explicar tudo em uma ordem escripta, complica o problema, tornando-a volumosa e quasi sempre pouco explicita. Donde, o unico recurso a empregar para torná-la curta e rapidamente apprehensivel é utilizar o calco. O calco, na ordem que discutimos, torna claro o pen-

samento do chefe e fixa com precisão a missão dos executantes.

O traçado da linha principal de resistencia e a profundidade da barragem principal indicam aos executantes o minimo que é preciso realizar.

O traçado das barragens interiores e o da linha de deter indicam a manobra a executar no caso em que uma parte da linha principal de resistencia venha a cair nas mãos do adversario. Retrahimento frente a N. O., caso seja forçada a direita; restabelecimento frente a O., caso sejam tomadas a Cota 60 e a Faz. Eng.º. Novo, manobrando em retrahimento á esquerda em presença de um ataque superior em numero.

O traçado dos limites entre o R. I. e o G. B. C. fornecem, tanto quanto possivel, a cada um delles, um determinado compartimento de terreno nitidamente definido e uma frente tendo a mesma orientação geral.

A missão das unidades deve ser simples: resistir na primeira linha e manter, quaesquer que sejam as circumstancias, a linha de deter. Em caso de desastre e em ultima analyse, a frente Boa Vista-Periquito-Monte Alegre-Capim deverá ser mantida e sua conservação ainda assegurará a execução da missão do Dest..

A missão da C. corresponde á procura de informações — cobertura dos flancos — reserva á disposição do commando.

A repartição da A. deve indicar de modo simples e claro a constituição dos differentes elementos que devem ser empregados em apoio directo e em acção de conjunto. Restará, assim, o estudo em ordem especial das particularidades relativas á organização de toda a A. e principalmente á preparação e o mecanismo de seus differentes tiros.

Esta ordem deverá ser dada pelo Cel Cmt. do 1º R. A. M., após entendimentos com os Cmts. de R. I. e G. B. C., em relação aos tiros pedidos pela I..

A missão da E. é simples: executar trabalhos especiaes, fornecer material, melhorar as comunicações.

Finalmente, o Cmt. do Dest. deve fixar os P. C. dos differentes chefes que lhe são directamente subordinados, as evacuações e os reabastecimentos, os locais de estacionamento das reservas, T. C. e T. E..

Depois de haver feito o seu raciocinio e fixado, em seguida, as suas decisões, o Gen Cmt. do Dest. dá, em consequencia, a seguinte ordem:

1º D. I. P. C. em Anchieta, 31 (trinta e Dest. ... um) de Julho, ás 15 (quinze) N.º ... horas.

Carta da Villa Militar

1/20.000

Ordem geral de operações
(Instalação defensiva)

1ª PARTE

I — SITUAÇÃO GERAL

A — Informações sobre o inimigo — O inimigo se retira na direcção geral de Campo Grande-Santa Cruz e suas Rgs. de Cav. ainda mantém a posse das saídas do desfiladeiro O. de Bangú, na linha geral Col. do Trem-S. Bento-Bangú.

B — *Informações sobre a tropa amiga* — A Vg. do Dest. recebeu ordem de repellar a Cav. inimiga e se apossar da linha Col. do Trem-Capão Redondo-Col. da Torre-Villa Nova-Realengo.

II — MISSÃO DO DEST.

O Dest. vai deter o seu avanço e se organizar defensivamente, afim de:

1º) se oppôr a quaesquer retornos offensivos do inimigo;

2º) assegurar o desembocar do grosso da D. I., em direcção á S. O.

III — IDE'A DE MANOBRAS

E' minha intenção deter o inimigo no Campo de Gericinó, Villa Nova, região S. O. de Villa Militar e no Campo dos Affonsos.

Caso seja forçada a parte N. da região arborizada Col. Cabral-Faz. Bananal, restabeleceri esse lado do dispositivo com frente a N. O., e retrairei frente ao S. no caso de progressão inimiga na Villa Militar; mantendo, em quaesquer circumstancias, a linha Boa Vista-Mº Engº Novo-Cotas gemeas-Monte Alegre-Jacques-Capim.

IV — POSIÇÕES

A — *Posição de resistencia*

L. P. R. - vêr calco

L. D. - vêr calco

B — *Posição de P. A.*

L. V. - vêr calco

L. R. - vêr calco

C — *Limites de sub-sectores* - vêr calco

V — REPARTIÇÃO E MISSÕES

1º Infantaria

A — *Posição de resistencia*

1º) O 1º G. B. C., no sub-sector N., assegurará a defesa da frente Col. Macegal-Cota 60 (N. de Villa Nova) e deverá deter o inimigo nessa frente ou, no minimo, lhe interditar a penetração na zona arborizada alem da linha Faz. Engº Novo-Periquito-Cabral.

2º) O 1º R. I. (menos 1 Btl.), dispondo de um Esq. e 1 Sec. Mtr. L. do 1º R. C. D., assegurará a defesa da frente cota 60 (N. de Villa Nova)-Faz. Monte Alegre-Villa Militar-Col. Cinco Mangueiras, podendo, em caso de um ataque victorioso, retrair a sua esquerda e, nesse caso, a frente Monte Alegre-Mº do Jacques-Mº do Capim deverá ser mantida a todo o custo.

3º) O III/1º R. I. acantonará, até novas ordens, em Anchieta, (parte S.), em reserva do Dest. e deverá fazer reconhecimento para uma eventual occupação da linha (vêr calco) Mº do Engº Novo-Boa Vista.

B — *Postos avançados*

1º) Os 1º G. B. C. e 1º R. I. fornecerão os P. A. nos seus sub-sectores.

2º) O 1º G. B. C. disporá de 1Pel./1º R. C. D. para reforçar a vigilancia.

3º) Ao N. do Polygno de Tiro, os P. A. constituidos por pontos de apoio isolados, têm a missão de resistir em suas posições, retardando o avanço inimigo e deslocando seus ataques, e só se retrahindo ás ordens dos Cmts. de seus sub-sectores.

— A E. da linha Monte Alegre-Realengo, os P. A. têm a missão apenas de vigilancia, retrahindo-se, á ordem do Cmt. de Sub-sector, em caso de ataque importante.

— Ligação, na L. V., entre o 1º G. B. C. e 1º R. C. D./nas vertentes S. da Col. do Cabral; entre o 1º G. B. C. e o 1º R. I. na cota 40 (700 ms. a O. de Villa Nova, na estrada S. Bento-Villa Nova)

2º Artilharia

A — *Repartição* — Toda a A do Dest. agirá sob as ordens do Cel. Cmt. do 1º R. A. M., repartindo-se em:

- apoio directo ao 1º G. B. C. - 2 G. A. de 75

- apoio directo ao 1º R. I. - 1 G. A. de 75

- ag. de conjuncto - 1 G. A. de 75 e 1 G.

A. P. (155c.)

B — *Desdobramento* — A A. de ap. directo deverá ser localizada em condições de poder atirar com 2/3 de suas Bias. até a linha geral (incl.) Col. do Heron-Col. do Cemiterio-Margem O. do Sarapunhy-sahidas O. de Bangú-sahidas S. O. de Realengo, e de agir, no minimo, com 1/3 na frente da linha de deter.

— O Ag. de conj. agirá por superposição na frente do 1º G. B. C. e ao N. do Polygno de Tiro na frente do 1º R. I., e, eventualmente, na parte restante da frente deste R. I.

C — *Limites da zona de acção normal* — Ao N.: Col. do Heron-Col. da Barreira (incl.); a O: Mº dos Coqueiros-Esporão da Cota 223-S. E. de Santissimo (excl.); ao S: orlas S. E. de Realengo-Esporão de Caixa d'Agua (incl.)

D — *Limites de zona de acção eventual* - Mº da Caixa d'Agua-Mº dos Affonsos (incl.).

3º Cavallaria,

A — O Cmt. do 1º R. C. D. deve destacar:

1º) Um Pel., até novas ordens, á disposição do Cel. 1º G. B. C., em seu P. C., ás 5 (cinco) horas de 1 (um) de Agosto.

2º) Um Esq. e uma Sec. Mtr., á disposição do Cmt. do 1º R. I., com a missão de cobrir a esquerda do Dest.

B — O grosso do R. C. D. tem por missão:

1º) Vigiar as estradas vindas de O. e que contornam ao S. e ao N. a Serra do Quitungo.

2º) Oppor-se a quaesquer incursões da Cav. inimiga, na região comprehendida pelo Mº do Retiro (excl.) e o Mº do Capim Melado.

3º) Enviar reconhecimentos pelo S. da Serra do Mendanha, quer na direcção de Paciencia, quer na de Faz. Cabral (3 kms. N. E. de Santa Cruz) com a missão de informar sobre os movimentos do grosso inimigo.

4º) Ser mantido ulteriormente, em reserva do Dest., na região O. de Anchieta e E. do Mº do Bananal e com vigilancia na região da Col. Cabral.

4º Engenharia

A — A Cia. Sap. Min. será empregada na construcção de observatorios, recuperação de material e reparação de caminhos (vêr item VIII e 2ª parte).

B — O Cmt. da Cia. deverá participar ao Cmt. do Dest., até meio dia de 1 (um) de Agosto, a repartição do seu pessoal e os pedidos de trabalhadores que julgue necessarios.

VI — PLANO DE FOGO

1ª Infantaria

A — *Barragem principal* - vêr calco

Desencadeada a pedido dos Cmts. de quartelão. Signal do seu desencadeamento — fogueiro de 5 lagrimas vermelhas.

Barragem de deter - vêr calco

Baragens interiores - vêr calco

B — *Ligação pelo fogo*

a) Na L. P. R., sobre a cota 60 (N. de Vila Nova), um Pel. do 1º G. B. C., e uma Sec. Mtr. do 1º R. I. com a missão de bater a região das palmeiras da cota 40 das Palmeiras.

b) Na L. D., sobre a cota 50 (N. E. de Monte Alegre), um Pel. do 1º R. I., e uma Sec. Mtr. do 1º G. B. C. com a missão de flanquear o massico de Monte Alegre.

C — *Cobertura do flanco*

O Cmt. do 1º G. B. C. deverá dispôr de meios de fogos escalonados frente a N. O., na linha Col. Macegal-cota 30.

D — *Fogos longinquos*

a) Sub-sector do 1º G. B. C. — nos corredores de Col. do Trem-Capão Redondo e de Capão Redondo-Col. da Torre, e na região alagadiça a N. E. da cota 32.

b) Sub-sector do 1º R. I. — nas orlas N. de Realengo e vertentes N. do Mº dos Affonsos.

2ª Artilharia

A — Os fogos de deter serão regulados após entendimentos entre os Cmts. de Sub-sectores e os Cmts. de Ag. de Ap. directo.

B — Devem ser preparados e desencadeados á ordem do Cmt. da A. os seguintes fogos longinquos:

- inquietação, nas estradas ao N. e S. de Retiro e a N. O. de Bangú
- cegar, nos encostos E. de Lameirão e Retiro

- contra objectivos inopinados — nas entradas dos desfiladeiros (N. de Bangú)

D — Devem ser preparados fogos de contrapreparação em cota 30 a 2 kms. O. de Capão Redondo, na região da estrada O. da cota 60 (S. O. da Col. da Torre), cota 60 a O. do Mº S. Bento, vertentes O. de S. Bento, vertentes S. da cota 50 (E. de S. Bento), sahidas N. E. e E. de Bangú e vertentes N. E. de Murundú, todos desencadeados á ordem do Cmt. da A.

VII — OBSERVAÇÃO - LIGAÇÃO - TRANSMISSÕES.

A — P. O. do Dest. — Monte Alegre e outro no Mº do Engº Novo.

— Um official, 4 sargentos e oito praças do 1º R. C. D. deverão assegurar o funcionamento dos P. O. do Dest.

— Serviço a começar a 1 (um) de Agosto.

B — P. C. do Cmt. do Dest. - Anchieta, eventualmente em Guaraciaba

P. C. do Cmt. do 1º G. B. C. - Vertente E. do Mº Periquito

P. C. do Cmt. do 1º R. I. - Posto Veterinario

P. C. do Cmt do 1º R. C. D. - Junto ao P. C. do Dest.

P. C. do Cmt III|1º R. I. — Junto ao P. C. do Dest.

C — O Cmt. do Dest. de Trans. (*) estabelecerá as ligações telephonicas do P. C. do Dest.

para o 1º R. I., 1º G. B. C. e para os P. O. de Monte Alegre e Mº do Engº Novo.

— Eixo de transmissão do Dest.: Anchieta-Dendê-Guaraciaba-Monte Alegre.

— C. I. A. em Guaraciaba

VIII — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

A — As unidades organizarão o terreno, nos seus sub-sectores, com o proprio pessoal e receberão um reforço em material (vêr 2ª parte).

B — Os pontos de apoio dos P. A. deverão ser cercados com defesas accessorias.

C — A linha de retrahimento Mº Engenho-Boa Vista, frente a N. O. (vêr calco) será organizada pelo III|1º R. I.

D — A Cia. Sap. Min. organizará os dois observatorios do Dest., em Monte Alegre e Mº Engº. Novo, e assegurará a reparação e conservação dos caminhos na seguinte ordem de urgencia:

1º) Anchieta — Mº do Jovino-Mº Dendê-Guaraciaba

2º) Anchieta-Mº do Carrapato-Periquito

3º) Periquito-Guaraciaba-Posto Veterinario-Paiol Pequeno

4º) Ricardo Albuquerque-Dendê-Paiol Pequeno

E — Todos os trabalhos deverão estar terminados na manhã de 7 (sete) de Agosto.

IX — SUBSTITUIÇÃO

A substituição das unidades da Vg., na linha de P. A., será ordenada opportunamente.

2ª PARTE

I — REABASTECIMENTO

A — *Distribuição* em Est. Anchieta: 1º R. I., ás 7 (sete) horas; 1º G. B. C., ás 7 (sete) e 30 (trinta) minutos; os outros elementos ás 8 (oito) horas.

B — *Estacionamento* dos T. E., do 1º G. B. C. e 1º R. I. em Ricardo de Albuquerque; dos T. E., do 1º G. B. C. e 1º R. I., T. E., e T. E., do 1º R. C. D. e T. E. da A., em Anchieta.

C — Os Cmts. de sub-sectores deverão fazer provisão de dois dias de viveres em cada nucleo dos P. A., para utilização no caso de serem contornados.

II — REMUNICIAMENTO

1ª Infantaria

A — O 1º G. B. C. e o 1º R. I. se remuniciarão, na Est. Ricardo Albuquerque, a partir das 19 (dezenove) horas do dia 1 (um) de Agosto.

B — Os Cmts. de Sub-sectores deverão constituir, em cada nucleo dos P. A., depositos de municao para uma resistencia de dois dias, para o caso de serem cercados.

2ª Cavallaria

O 1º R. C. D. se remuniciará na Est. de Ricardo de Albuquerque a partir das 19 (dezenove) horas do dia 1 (um) de Agosto.

3ª Artilharia

A — A partir das 3 (tres) horas do dia 1 (um) de Agosto, estarão á disposição do Cmt. da A. do Dest., nas Ests. de Anchieta e Ricardo de Albuquerque, dois dias de fogo e, a partir do dia 2 (dois), mais um dia de fogo.

*) Elementos de transmissão postos á disposição do Cmt. do Dest. pela D. I.

B — O Cmt. da A. do Dest. disporá de 20 (vinte) viaturas de requisição e 30 (trinta) trabalhadores civis, na Est. de Anchieta, e de 10 (dez) viaturas e 15 (quinze) trabalhadores civis, em Ricardo de Albuquerque.

III — SERVIÇO DE SAUDE (*)

A — P. S. do Dest., na ultima casa a S. O. de Ricardo de Albuquerque.

B — Evacuações para Anchieta.

IV — DEPOSITOS DE MATERIAL

O Cmt. da Cia. Sap. Min. deverá recuperar todo o material util á organização de terreno e existente na zona do Dest., constituindo dois depositos: um a E. de Periquito, a disposição do 1º G. B. C., e outro ao N. do Morro do Jacques, á disposição do 1º R. I., devendo regular a dotação para cada unidade.

V — MOVIMENTO DE VIATURAS

Nenhuma viatura deverá ultrapassar, durante o dia, a linha Periquito-Faz. Engº Novo-Monte Alegre-Villa Militar.

(a) Gen. X ...

Cmt. Dest.

Destinatarios:

1º G. B. C.

1º R. I.

1º R. C. D.

1º R. A. M.

Cia. Sap. Min.

* * *

ACÇÃO DO CMT. DO 1º G. B. C.

O Gen. Cmt. do Dest. não dispõe de possibilidade para fazer um reconhecimento detalhado de seu sector. Póde, apenas, dirigir-se aos dois principaes observatorios — Periquito e Monte Alegre —, onde, após uma vista de conjunto do terreno, deverá fixar suas decisões. Assim, suas ordens são dirigidas, em suas generalidades, de accordo com a carta.

Os Cels. Cmts. do G. B. C. e R. I., ao contrario, pódem fazer reconhecimentos mais detalhados de seus respectivos sub-sectores. Ademais, elles são orientados pelas ordens do Cmt. do Dest. quanto ás linhas do terreno que devem occupar as suas unidades e ás zonas para onde devem convergir seus fogos. Donde, suas ordens podem ser dadas de accordo com o terreno.

Para o estudo em questão, tomemos a situação particular do 1º G. B. C. e sigamos o respectivo commandante em seus reconhecimentos.

DISCUSSÃO

I — *Barragem principal* — Ao N. não ha difficuldade: a linha principal de resistencia passa nas orlas do Campo de Gericinó e, em sua frente, o terreno é relativamente plano e desembaraçado. E' quasi certo que os F. M. possam ser empregados em uma profundidade que varia de 600 ms. á 1.000 ms. e mesmo mais. Donde, boa barragem frontal; mas, os flanqueamentos serão difficeis de estabelecer com os F. M., visto que a posição é quasi rectilinea. E, assim, torna-se necessario appellar para as Mtrs., para a realização destes flanqueamentos.

Por outro lado, o Cmt. do Dest. prescreve, em sua ordem: "uma protecção do flanco N. do

Dest., pelo fogo e, ainda, fogos á distancia entre a Col. do Trem e Capão Redondo". Ora, Mtrs. installadas nas alturas entre Macegal e Bananal poderão fornecer estes fogos.

A frente, nessa região, é bastante longa (cerca de 1.800 ms.); donde, a necessidade de um numero consideravel de F. M. em 1º escalão. Pels. em apoio, para se opporem á progressão do inimigo no terreno arborizado, cortado e alagadiço e, mais, um escalonamento de fogos á direita.

Conclusão — No quartelirão N., é preciso empregar um B. C. dispondo de todos os seus recursos, para manter sua grande frente, cobrir o flanco direito do Dest. e fornecer seus P. A. Este B. C. não poderá, naturalmente, fornecer recursos para a manutenção da linha de deter.

Quartelirão S. — O quartelirão S. comprehende dois compartimentos de terreno: um ao N. da linha Faz. Engº Novo-Cota 30; o outro, ao S., entre esta linha e a Cota 60. Estes são limitados em profundidade pelas alturas da Faz. Engº Novo e a Cota 25 (400 ms. ao N.). Cada um destes compartimentos poderá ser mantido por uma Cia.; a barragem principal será difficil de localizar, mas o terreno permite o flanqueamento com os F. M.

A ligação pelo fogo, entre os dois quartelirões, poderá ser obtida por uma Mtr. localizada nas vertentes O. da cota 30 (O. de Periquito), que provavelmente poderá atirar na direcção geral de Serraria antiga - vertentes de Col. da Torre e deverá fornecer, nesta zona, os fogos á distancia ordenados pelo Gen. Cmt. do Dest.

A ligação pelo fogo com o 1º R. I. será obtida por Mtrs. localizadas nas alturas: Cota 60 (N. de Villa Nova) e Cota 50 (500 ms. N. O. Monte Alegre).

II — *Linha de deter* — No quartelirão N., a linha de deter acha-se á cerca de 1.200 ms. da linha principal de resistencia; não dispõe de grande campo de tiro; é localizada em contra vertente, podendo constituir uma barragem de fogo pouco profunda, mas que poderá dispor de grande valor, si fôr cuidadosamente disfarçada e protegida com defesas accessorias. Uma tal linha tornar-se-á difficilmente identificada pela A. inimiga, porque se perde na matta e não offerece nenhum ponto de referencia. O ataque inimigo poderá vir ahi se chocar sem ter o menor indicio de sua existencia, desde que certas precauções sejam preventivamente tomadas.

O B. C. em 1º escalão no quartelirão N. não dispõe de recursos para mantel-a e muito menos construí-la; donde, deverá ser mantida e organizada por um outro B. C. em 2º escalão.

Quartelirão S. — No quartelirão S., a linha de deter acha-se á distancia de cerca de 700 a 1.000 ms. da linha principal de resistencia; apoia-se nas alturas E. da Faz. Engº. Nvo e dispõe de excellentes vistas para as retaguardas dos compartimento de terreno, mantidos pelas Cias. em 1º escalão. Por sua vez, divide-se em duas zonas distinctas: uma ao N., entre Periquito e a Cota 60 (gemea do N.) e outra, ao S., a cavalleiro sobre a via-ferrea de 0,60; cada uma destas zonas póde ser mantida por uma Cia.

No que concerne ao emprego de Mtrs. é preciso:

(*) O Cmt. D. I. forneceu meios ao Dest.

- assegurar o flanqueamento do Dest., ao N., fornecendo fogos em direcção á Col. do Cabral.

- flanquear a linha de deter no quartelirão N., localizando uma Mtr. na vertente N. O. de Periquito.

- enfiar o corredor N. da Faz. Engº Novo, localizando uma Mtr. na vertente S. O. de Periquito

- finalmente, bater o corredor entre Faz. Engº Novo e a Cota 60 (N. de Villa Nova), com uma Mtr. nas alturas de Cota 50 (S. da Via-ferrea) que igualmente assegurará a ligação pelo fogo com o 1º R. I., batendo as vertentes O. do massiço de Monte Alegre.

III — P. A. — O Cmt. do Dest. não quer uma linha de P. A. continua; ademais, o terreno não se presta para tal. Torna-se sufficiente dispor, na frente da posição principal, de nucleos de fogos bem organizados, cercados se possível de defesas accessorias, e encarregados de deter o inimigo, deslocar seus ataques e forçá-lo a se lançar em corredores batidos pelos fogos á distancia da posição de resistencia e pelos fogos da A. Estes pontos do terreno são: Col. do Trem, Capão Redondo, Col. da Torre e, finalmente, a Cota 40 (Mangueira), que podem, por um lado, retardar um ataque vindo de S. Bento e, por outro lado, tomar sob fogos bastante efficazes um inimigo que, após a posse da Col. da Torre, procure dahi desembocar.

Cada um destes pontos de apoio poderá ser mantido por cerca de um Pel.

IV — *Reserva* — Finalmente, torna-se necessario que o Cmt. do 1º G. B. C. constitua uma reserva; é, para elle, o unico meio de intervir no combate, quer reforçando a occupação da linha de deter, quer ainda, constituindo uma barreira interior ou, por ultimo, contra-atacando.

Para isso, necessita no minimo de uma Cia., e, se possível, maior effectivo.

V — *Dispositivo geral* — Das reflexões, o Cmt. do 1º G. B. C. tira suas conclusões no que concerne ao dispositivo geral de suas unidades. Estas conclusões são as seguintes:

- *Quartelirão N.* — Um B. C. completo na linha principal de resistencia, fornecendo seus P. A.

- *Quartelirão S.* — Um B. C. completo, com a missão de manter a linha principal de resistencia, a linha de deter e fornecendo seus P. A.

- *O B. C. restante* — 2 Cias. empregadas na linha de deter (quartelirão N.) e o restante (2 Cias.), em reserva, á sua disposição.

VI — *Fogos de Artilharia* — Assim, tendo determinado seu dispositivo geral e o emprego provavel dos fogos de suas armas automaticas, resta ao Cel. Cmt. do G. B. C. reforçar seus fogos de I. com os recursos em fogos que lhes pode fornecer a A.

Para isso, pode utilizar o auxilio de dois G. A. M. em apoio directo a seu G. B. C.

Afim de não complicar o problema e facilitar a ligação, vae utilizar o auxilio de um G. A. M. em apoio de cada B. C., solicitando o auxilio dos seguintes fogos:

a) *Tiros de deter, na frente dos P. A.* — Escolhe os pontos do terreno mal batidos pelos F. M. dos P. A. e, ao mesmo tempo, os pontos on-

de o inimigo poderá localizar seus observatorios e suas armas automaticas; estes serão: região da Col. do Heron, Col. do Cemiterio (Tiro nº 1) - orla 500 ms. O. de Capão Redondo (tiro nº 2) - vertente E. da Cota 60 (600 ms. S. O. da Col. da Torre), (tiro nº 3) - bifurcação E. de Mº de S. Bento (Tiro nº 4).

b) *Tiros de deter entre nucleos dos P. A.* — No corredor, entre os nucleos de fogos dos P. A., a saber: sahidas S. E. de Col. de Barreira (tiro nº 5) - sahidas N. E. da Col. do Capão Redondo, mal batido pelas Mtrs. (tiro nº 6) - sahidas N. de Col. da Torre, zona de ligação de fogos dos dois B. C. (Tiro nº 7) - zona entre Col. da Torre e Cota 40 (Mangueira) que, embora batida efficazmente pelos fogos do Pel. da Cota 40, offerece numerosas passagens (tiro nº 8).

c) *Tiros de deter, na frente da linha principal de resistencia* — Estes pedidos não podem ser numerosos, porque, ao inverso dos precedentes, que podem ser desencadeados successivamente a razão de dois por G. A. M., os tiros na frente da posição principal devem ser desencadeados simultaneamente pelos dois G. A. M., no caso de ataque em toda a frente. Portanto, não poderá no momento exigir mais do que dois tiros sobre seus flancos:

- uma concentração na frente da Col. do Macagal (tiro nº 9)

- uma concentração na Cota 40 (Palmeiras) N. de Villa Nova (tiro nº 10)

Restará ainda prever os tiros no interior da posição e na frente da linha de deter. Mas isso, o Cmt. do 1º G. B. C. não poderá fazer si não mais tarde, após entendimentos com os Cmts de B. C. e Cmt. de G. A. M. em apoio directo (por intermedio do Cmt do Ag.)

Ainda mais, torna-se necessario prever a cooperação da A. em acção de conjunto, particularmente em seu flanco direito, na região Faz do Cabral - Arroio Cachoeira e no Mº S. Bento, que facilita a observação inimiga, e superposição aos tiros de apoio directo, segundo as circumstancias.

Finalmente, torna-se necessario regular, como e quando estes tiros deverão ser desencadeados.

VII — *Preceitos geraes* — Em sua ordem, o Cmt. do 1º G. B. C. deverá ainda fixar diferentes preceitos, taes como: P. C., ligações, transmissões, organização do terreno, P. S., localização dos T. C., reabastecimentos, etc.

VIII — *Informações complementares* — Entre o recebimento da ordem do Gen. Cmt. do Dest. e a expedição da sua ordem de instalação defensiva, o Cel. Cmt. do 1º G. B. C. recebeu informação de que a Vg. repelliu a Cav. inimiga na direcção Bangú-Mº do Retiro e se apossou da linha Col. da Barreira-Col. do Trem-Capão Redondo-Massiço da Col. da Torre-Cota 40 (O. de Villa Nova) - sahidas S. O. de Realengo, onde se mantem em P. A., e tambem a ordem para substituir o 12º B. C. por novos elementos na noite de um para dois de Agosto.

O Cel. Cmt. do 1º G. B. C., terminado o seu reconhecimento e tendo tomado as suas consequentes decisões, expede aos Cmts. de B. C. a seguinte ordem de operações:

Dest. ... P. C. na bifurcação E. do M° do
1° G. B. C. Periquito, 31 (trinta e um) de
N°... Julho, às 20 (vinte) horas.

Ordem de operações
(Instalação defensiva)

1ª PARTE

I — SITUAÇÃO GERAL

A — O inimigo se retira na direcção geral de Campo Grande-Santa Cruz e a sua Cav. mantém a posse das saídas dos desfiladeiros a O. de Bangú.

B — A Vg. do Dest. se mantém em P. A. na linha geral Col. da Barreira-Col. do Trem-Capão Redondo-Massico da Col. da Torre-Cota 40 (O. de Villa Nova) - saídas S. O. de Realengo.

II — MISSÕES

A — O Dest. vai organizar-se defensivamente afim de se oppor a quaisquer retornos offensivos do inimigo e assegurar o desembocar do grosso em direcção a S. O.

B — O G. B. C. recebeu a missão de assegurar a defesa da frente Col. Macegal-Cota 60 (N. de Villa Nova), detendo o inimigo na frente desta linha ou, no minimo, lhe interdictando a penetração na zona alem da linha Faz. Eng° Novo-Periquito-Cabral.

C — O G. B. C. será enquadrado ao S. pelo 1° R. I. e por elementos do 1° R. C. D. ao N.

III — IDÉIA DE MANOEIRA

E' minha intenção deter o inimigo no Campo de Instrução e na região baixa ao S. de Serraria antiga. No caso de ser forçada a parte N. desta linha, manter, a todo o custo, o inimigo na baixada frente á Col. Cabral-Cota 30 (a O. de Faz. Bananal)-M° do Periquito-Faz Eng° Novo, e da mesma maneira conservar a frente Faz. Eng° Novo-Cota 50 (N. O. de Monte Alegre) no caso do inimigo se apossar das alturas ao N. de Villa Nova.

IV — POSIÇÕES

1° Posição de resistencia

L. P. R. — Orlas N. E. do Campo de Gerico-nó-Cota 30 (O. de Faz. Eng° Novo)-Cota 60 S. Bento para Villa Nova (vêr calco).

L. D. — Cota 30 (O. da Faz. Bananal)-M° do Periquito-Cotas 60 gemeas-Cota 50 (N. O. de Monte Alegre)-(vêr calco).

2° Posição de postos avançados

L. V. — (de dia) — Col. do Heron-Col. do Cemiterio-margem E. do Sapucahy-estrada de S. Bento para Villa Nova - vêr calco).

L. V. — (á noite) — estrada que vem da Col. do Heron e contorna a O. a Col. da Torre-N. S. Bento para Villa Nova — (vêr calco).

L. R. — Col. do Trem — Capão Redondo — Col. da Torre — cota 40 da Mangueira — (vêr calco).

3° Limites de Sub-sector.

Ao N. — Col. da Barreira — Col. do Macegal — Faz. Bananal — (vêr calco).

Ao S. — Cota 30 (S. da cota 40 da Mangueira) — cota 60 (N. de Villa Nova) — cota 50 (N. O. de Monte Alegre) — vêr calco.

V — REPARTIÇÃO E MISSÕES

1° Posição de Resistencia.

A — Haverá dois quarteiros separados pela linha (inclusive para o quartirão S.) Col. da Torre-Serraria antiga — Morro do Periquito (encostas S) — (vêr calco).

B — O 11° B. C. tem por missão, no quartirão N., de se organizar na L. P. R., esforçar-se para deter o inimigo no Campo de Gerico-nó e ter, na barragem principal, fogos mais potentes á frente das descidas da Col. da Torre e Capão Redondo.

C — O 10° B. C. tem por missão, no quartirão S., defender a P. R. em toda a profundidade, interdictando ao inimigo, no minimo, a posse da linha Faz. Eng° Novo-Cota 60 gemea do S.-Cota 50 (N. O. de Monte Alegre).

D — Duas Cias. I. e a Cia. Mtrs. Mx. do 12° B. C., sob o cmd. do Ten. Cel., se encarregarão da defesa, no quartirão N., da L. D., tendo, na barreira interior, fogos mais potentes no corredor N. de Faz. Eng° Novo.

E — Duas Cias. I. do 12° B. C., sob o cmd. do Maj. Fiscal, ficarão em reserva do G. B. C., na macega a S. E. do M° do Eng° Novo.

2° Postos avançados

A — A L. R. será constituida por pontos de apoio isolados, tendo cada um o effectivo de cerca de um Pel., e tem a missão de se oppor a quaesquer avanços inimigos, deslocar seu ataque e manter a sua propria resistencia caso sejam contornados os seus nucleos de fogos, só se retrahindo á minha ordem e por itinerarios a serem regulados pelos Cmts de quartirão.

B — O 11° B. C. fornecerá elementos para os pontos de apoio de Col. do Trem e Capão Redondo, e o 10° B. C. para os de Col. da Torre e Cota 40 da Mangueira.

C — Um Pel. do 1° R. C. D. em S. Bento, reforçará, na frente S. Bento-Col. da Torre, a vigilancia de dia na direcção do M° do Retiro e N. de Bangú, recolhendo-se, á noite, por Col. da Torre-via-ferrea para Faz. Eng° Novo (bitola 0,60)-estrada Faz Eng° Novo para Periquito, afim de estacionar no bosque á E. deste morro, e retrahindo-se, em caso de ataque, pelo mesmo itinerario e para se reunir ao grosso do R. C. D..

D — Ligação, na L. V., entre o 11° B. C. e o 1° R. C. D. nas vertentes S. da Col. Cabral; entre o 11° B. C. e o 10° B. C. na bifurcação ao N. da Cancellia Preta; entre o 10° B. C. e o 1° R. I. na Cota 40 (700 ms. á O. de Villa Nova, na estrada S. Bento-Villa Nova).

VI — PLANO DE FOGO

1° Infantaria

A — Barragem principal — vêr calco

- Desencadeamento a pedido dos Cmts. de B. C.

- Signal do seu desencadeamento — foguete de cinco lagrimas vermelhas.

B — Barragens interiores — vêr calco

C — Ligação pelo fogo (*)

(*) O Cmt. do G. B. C., não tendo, como o do R. I., uma unidade organica de Mtrs., tem que lançar mão de algumas Secs. de Mtrs. dos B. C. para estabelecer as ligações pelo fogo.

<i>Secs.</i>	<i>Posições</i>	<i>Ligação</i>	<i>Missões</i>
Sec. Mtr. L. do 1º R. I.	Cota 60 (N. de Villa Nova)	Entre o 1º R. I. e o G. B. C., na L. P. R.	Bater a região das palmeiras da cota 40 das Palmeiras.
Sec. Mtr. P. do 10º B. C.	Cota 50 (N. O. de Monte Alegre)	Entre o G. B. C. e o 1º R. I., na L. D.	Flanquear as vertentes O. do massiço Monte Alegre.
Sec. Mtr. L. do 10º B. C.	Cota 30 (a O. de Periquito)	Entre o 10º B. C. e o 11º B. C.	Bater a região de Serraria antiga.
Sec. Mtr. P. do 12º B. C.	Mº. do Periquito	Idem	Idem.
Sec. Mtr. L. do 12º B. C.	Cota 30 (a O. da Faz Bananal)	Entre o G. B. C. e o 1º R. C. D.	Bater as vertentes E. da Col. do Cabral.

D — Fogos longínquos — O 11º B. C. deverá bater os corredores de Col. do Trem-Capão Redondo e de Capão Redondo — Col. da Torre, e o 10º B. C. a região alagadiça á N. O. da Cota 32.

E — Cobertura do flanco N. — O 11º B. C. deverá dispor meios de fogos escalonados frente a N. O., na linha Col. Macegal-Cota 30.

F — O Cmt. do 10º B. C. prepare uma concentração para a Cota 32 e, com o do 11º e 12º B. C., uma outra para a região O. de Serraria.

2ª Artilharia

A — Apoio directo ao 11º B. C. - 1º 1º R. A. M.

Apoio directo ao 10º B. C. - II 2º R. A. M.

B — Fogos na frente dos P. A. (vêr calco): ns. 1 e 2, desencadeados a pedido dos Cmts. de pontos de apoio de Col. do Trem e Capão Redondo, com foguete de uma lagrima vermelha; ns. 3 e 4 desencadeados a pedido dos Cmts. dos pontos de apoio de Col. da Torre e Cota 40 da Mangueira, com um foguete de uma lagrima verde.

C — Fogos entre os nucleos dos P. A. (vêr calco): ns. 5 e 7 - foguete de tres lagrimas vermelhas; ns. 6 e 8 - foguete de tres lagrimas verdes. Todos desencadeados a pedido dos Cmts. dos pontos de apoio dos P. A. ou dos Cmts. de Cia. da L. P. R.

D — Fogos de deter na barragem principal (vêr calco): ns. 9 e 10, desencadeados com a barragem principal - foguete de cinco lagrimas vermelhas.

E — Os fogos no interior da posição serão regulados em ordem posterior.

VII — OBSERVAÇÃO — LIGAÇÕES — TRANSMISSÕES

A — P. O. do G. B. C. no morro do Periquito.

— Desde que comece o periodo de combate, deverão ser enviados, pelos B. C., dois esboços, um da situação até ás 11 (onze) horas e outro da situação até ás (dezenove) horas.

B — P. C. do Gen. Cmt. do Dest. — Anchieta.

P. C. do Cmt. do G. B. C. — vertentes E. de Mº Periquito.

P. C. do Cmt. do 11º B. C. — bifurcação 951-017 a O. do caminho Periquito-Bananal.

P. C. do Cmt. 10º B. C. — Faz. Engº Novo.

P. C. do Cmt. 12º B. C. — bifurcação a O. de Mº Eng. Novo.

P. C. do Maj. 12º B. C. — junto ao do G. B. C.

P. C. do Cmt. 1º R. I. — Posto Veterinario.

P. C. do Cmt. I/1º R. I. — vertentes N. de Monte Alegre.

P. C. do Cmt. 1º R. C. D. — sahidas O. de Anchieta.

P. C. do I/1º R. A. M. — vertentes E. do Mº do Engº Novo.

P. C. do II/1º R. A. M. em 620-070 (estrada Guaraciaba-Periquito).

C — 1º) Devem ser instalados:

a) Telephone dos P. C. dos B. C. ao P. C. do G. B. C.

b) T. P. S. no P. C. do G. C. B. com o pessoal e material do 12º B. C. para os P. C. do 10º e 11º B. C..

c) Optica entre o P. C. (material e pessoal do 12º B. C.) do G. B. C. e os B. C.

2º) Os esclarecedores montados do 12º B. C. farão a ligação do G. B. C. para o 10º e 11º B. C.

3º) Eixo de transmissão do Dest. — Anchieta-Dendê-Guaraciaba-Monte Alegre.

4º) C. I. A. do Dest. — Guaraciaba.

5º) Codigo de signaes:

a) Desencadeamento da barragem principal — foguete de cinco lagrimas vermelhas.

b) Desencadeamento dos tiros de A. — vêr 2ª parte do item VI.

c) "A A. atira muito curto" — foguete de cinco lagrimas brancas.

d) "Estamos aqui" — foguete de fumaça amarela.

e) "Partimos, podeis atirar" (especial aos P. A.) — foguete bandeira.

VIII — ORGANIZAÇÃO DO TERRENO

A — Cada unidade organizará o terreno no seu quartelão e receberá um reforço em material (vêr 2ª parte).

B — Uma normal, nas vertentes N. da Faz. do Engº Novo (vêr calco), ligando a L. P. R. á L. D., será construída pela reserva do G. B. C.

C — Os pontos de apoio dos P. A. deverão ser cercados de defesas accessorias.

D — Os trabalhos deverão estar terminados: defesas accessorias dos P. A. no dia 3 (tres) de Agosto antes do alvorecer; restantes das organizações dos P. A. na manhã do dia 6 (seis) de Agosto; organização dos C. R. na manhã do dia 7 (sete) de Agosto.

IX — SUBSTITUIÇÃO

A — A substituição do 12º B. C., actualmente em P. A., pelos elementos dos 10º e 11º B. C., deverá ser feita na noite de 1 (um) de Agosto e terminada a 0 (zero) hora do dia 2 (dois).

B — O 12º B. C. se recolherá ás suas novas posições pelas estradas existentes ao N. e ao S. da linha Faz. Engº Novo-Cota 30.

2ª PARTE

I — REABASTECIMENTO

A — *Distribuição*

1º) Aos T. E., pelo Dest., ás 7 (sete) horas e 30 (trinta) minutos em Est. Anchieta.

2º) Aos T. C. pelos T. E.: aos 10º e 12º B. C., das 20 (vinte) ás 21 (vinte e uma) horas, na bifurcação a N. O. de Invernada; ao 11º B. C., das 21 (vinte e uma) ás 22 (vinte e duas) horas, na bifurcação S. O. do Mº do Jovino.

B — *Estacionamento* — T. E., em Ricardo Albuquerque e T. E., em Anchieta.

— As cosinhas devem ser localizadas a E. da linha Faz. Bananal-Periquito-Cotas gemeas.

C — Os Cmts. de quartelão deverão fazer provisão de dois dias de viveres em cada ponto de apoio dos P. A., para utilização no caso de serem contornados.

II — REMUNICIAMENTO

A — Depósito do G. B. C. (munição e artificios) na clareira S. E. do P. C. do G. B. C.

B — Os Cmts. de quartelão deverão constituir, em cada ponto de apoio dos P. A., depósitos de munição que lhes permitam resistir durante dois dias, caso sejam contornados.

III — SERVIÇO DE SAUDE (*)

P. S. do Dest. — ultima casa á S. O. de Ricardo Albuquerque.

IV — T. C.

A — Até novas ordens os T. C. continuam com suas unidades.

(*) O G. B. C. não tendo elementos, as evacuações serão feitas directamente dos P. S. dos B. C. ao do Dest.

— Os T. C. do B. C. e Cias. de reserva e os T. C. de todo o G. B. C. estacionarão nos bosques a O. do Mº do Carrapato e ao S. da estrada Periquito-Anchieta.

C — Nenhuma viatura deverá ultrapassar, durante o dia, a linha Periquito-Faz. Engº Novo-Monte Alegre.

V — DEPOSITO DE MATERIAL

A — Depósito do G. B. C. (material de organização) na região E. de Periquito á disposição dos B. C. a partir das 6 (seis) horas do dia 2 (dois) de Agosto.

B — A dotação do material a distribuir será regulada opportunamente.

(a) Cel. X.

Cmt. do 1º G. B. C.

Destinatarios:

- Gen. Cmt. do Dest.
- 10, 11º e 12º B. C.
- 1º R. I.
- 1º R. C. D.
- Ags. de apoio directo.

(Continúa)

O Exército e Nação

O Exército é cego e mudo...

Certamente, o Exército é uma grande cousa que soffre! Sabemol-o bem, os velhos officiaes, e auguramos que os nossos jovens successores não encontrem os mesmos sentimentos que conhecemos. Comtudo, é provavel que tereis tambem de soffrer, porque se a Nação, illudida pelos derrotistas do interior e que são maiores inimigos que os do exterior, esquecer algum dia que os nossos a salvaram, continuareis a salva-la pelo trabalho quotidiano, pelos sacrificios obscuros que dia a dia lhe consagraes; se a Nação vos lançar injustamente um anathema, então soffrereis graves torturas moraes.

Se a servis como é necessario que se a sirva e se vos collocaes no lugar que deveis occupar na Nação, esta estará convosco, deixará os maus conselheiros e voltar-se-á para vós "porque a Patria engrandece e santifica não só as acções brilhantes realizadas em seu beneficio como o obscuro e ingrato labôr que produzirá no futuro aquellas acções brilhantes.

Gen. Tanánt.

"Escrevendo a historia da guerra, mostrais que o Estado Maior é o systema nervoso desse grande corpo. E' elle que transmite ao cerebro — o Commando — todas as impressões exteriores e é elle que põe os membros do corpo em execução. Determina a vontade e permite que esta se realize; por isso constitue o laço essencial entre a intelligencia e a força muscular".

Gen. Mangin.